



"No Limite dos Sentidos"

ISBN 85-85020-64-4



9 788585 020644

Anais

Instituto de Letras da UFF
23 a 26 de agosto de 2005

XX Encontro de Professores Brasileiros de Literatura Portuguesa

Organizadores:

Ida Ferreira Alves - Silvio Renato Jorge - Mônica Figueiredo

Editora: Léo Christiano Editorial Ltda - E-mail: leochristiano@openlink.com.br

Produção: Newbooks Editoração Eletrônica Ltda-ME - E-mail: newbooks@alternex.com.br

No **INDICE GERAL**, encontram-se em ordem alfabética os arquivos por nome do autor do artigo, com indicação do título do trabalho e resumos, quando enviados pelo autor.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

E46a

Encontro de Professores Brasileiros de Literatura Portuguesa, 20. : 2005 : Niterói, RJ) / Instituto de Letras da UFF, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, ABRAPLIP, Silvio Renato Jorge, Ida Ferreira Alves, Mônica Figueiredo.

Ter

ISBN 85-85020-64-4



9 788585 020644

CDD 869.99
CDU 821.134.306

9814352122663-80

Instituto de Letras da UFF - 23 a 26 de agosto de 2005

No Limite dos Sentidos

XX Encontro de Professores Brasileiros de Literatura Portuguesa
“No Limite dos Sentidos”

PROGRAMAÇÃO:

1º DIA: 23 de Agosto (3ª feira)

MANHÃ: Reitoria: Cine Arte UFF

9:00 – 10:15: MESA DE ABERTURA

10:15 – 11:30: CONFERÊNCIA DE ABERTURA

Coordenação: Prof. Dr. Silvio Renato Jorge - UFF

Conferencista: Prof^a. Dr^a. Cleonice Berardinelli - UFRJ/PUC-RJ

100 ANOS DE MAGISTÉRIO: O SENTIDO DA CULTURA PORTUGUESA

11:45 – 12:30: Apresentação do Conjunto *Música Antiga* da UFF

12:30 – 14:30: Almoço

TARDE – *Campus* Gragoatá (Bloco C)

14:30 – 16:00: MESAS-REDONDAS

Mesa A: *Dos Impasses – Sala 405-B*

Coordenação: Prof^a. Dr^a. Teresa Cristina Cerdeira - UFRJ

Prof^a. Dr^a. Maria Fernanda Abreu - Universidade Nova de Lisboa

“PORTUGUESA”, DISSE? LITERATURAS “NACIONAIS” E “COMUNIDADES INTERLITERÁRIAS”

Prof. Dr. José Carlos Barcellos - UFF

OS IMPASSES DA CONSCIÊNCIA ILUSTRADA: UMA LEITURA DE *AMANHÃ*, DE ABEL BOTELHO

Prof. Dr. Pedro Eiras – Universidade do Porto.

NÃO ESTOU ESCRREVENDO UMA NOVELA. MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO E A CONFISSÃO DE LUCIO

Mesa B: *Dos Resgates – Sala 505-C*

Coordenação: Prof. Dr. Mário César Lugarinho - UFF

Prof^a. Dr^a. Dalva Calvão - UFF

AGUSTINA, FLORBELA, A ESCRITA E A VIDA

Prof^a. Dr^a. Beatriz Berrini - PUC/SP

Prof^a. Dr^a. Luci Ruas - UFRJ

MORTE E RESGATE EM *ATÉ AO FIM*, DE VERGÍLIO FERREIRA

MESA C: *Dos Tempos - Sala 207-C*

Coordenação: Prof^a. Dr^a. Maria Helena Nery Garcez - USP

Prof. Paulo Fernando da Motta Oliveira - USP

CAMILO ENTRE TEMPOS: TRAJETÓRIAS HISTORIOGRÁFICAS

Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Scher Pereira - UFJF

LISBOA EM JOSÉ CARDOSO PIRES E SARAMAGO: IMAGENS DE RETORNO

Prof^a. Dr^a. Izabel Margato - PUC/RJ

REVISITAR LISBOA COM JOSÉ CARDOSO PIRES

Mesa D: *Das Experiências – Sala 218-C*

Coordenação: Prof. Dr. Benjamin Abdala - USP

Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Ribeiro - Universidade de Coimbra

MAIS VALE EXPERIMENTÁ-LO QUE JULGÁ-LO, MAS...

Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes Neto Simões – UESC

A EXPERIÊNCIA DO LIMITE: A ESCRITA DE JOSÉ CARDOSO PIRES

Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Santilli - USP

16:00 –16:20: *Intervalo*

16:20 – 18:20: MESAS DE INTERLOCUÇÕES

INTERLOCUÇÃO 1. Coordenação: Prof^a. Dr^a. Maria Nazareth Fonseca – PUC-Minas – Sala 505-C

Prof^a. Cinda Gonda - UFRJ

COM A MEMÓRIA NA ALMA

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Maia Ribeiro - UFBA

LIMITES E DERIVA DE UM SEGUNDO *EQUADOR*: NEXOS RELACIONAIS DE SUBALTERNIDADE E SILENCIAMENTO EM CENÁRIOS COLONIAIS E PÓS-COLONIAIS

Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Salgado - USP

O CONCEITO DE INTERFERÊNCIA NAS RELAÇÕES LITERÁRIAS ENTRE O BRASIL E O IMPÉRIO PORTUGUÊS NA ÁFRICA

Prof. Dr. Mário Bruno – UERJ

JOSÉ GIL E O LUGAR DA NÃO-INSCRIÇÃO

INTERLOCUÇÃO 2. Coordenação: Prof. Dr. Francisco Maciel Silveira – USP – Sala 303-C

Prof^a Me. Márcia Maia - UFRJ

A VIAGEM NOS LIMITES DO DESCONHECIDO

Prof. Dr. Ronaldo Menegaz - Academia Brasileira de Letras

EQUADOR: TRAGÉDIA E SILÊNCIO NAS ILHAS DO CACAU

Prof. Dr. Osmar Oliva - UNIMONTES

CRIMES DE PADRES: EÇA DE QUEIRÓS E ALUÍSIO AZEVEDO

Prof. Dr. Silvio Holanda - UFPA

ALICERCES (1882-1886): O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO TEXTUAL EM ANTÓNIO NOBRE

INTERLOCUÇÃO 3. Coordenação: Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Scher Pereira – UFJF – Sala 401-C

Prof^a. Dr^a. Rita Maria Abreu Maia - CEFET/CAMPOS

PAISAGEM E POESIA EM CARLOS DE OLIVEIRA: UM MODO DE SER/ESTAR NO MUNDO

Prof^a. Dr^a. Cristina Maria Paes dos Santos - F. F. Santa Dorotéia

NO LIMITE DO POÉTICO: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS CONTEMPORÂNEOS

Prof^a. Dr^a. Maria Fernanda Alvito - UFES

FIAMA EM PROSA

INTERLOCUÇÃO 4. Coordenação: Prof^a. Dr^a. Luci Ruas – UFRJ – Sala 407-C

Prof. Dr. José Luiz Foureaux de Souza Júnior - UFOP

ENTRE *A CIDADE E AS SERRAS*: UM PROJETO FALHADO (?) DE “CIVILIZAÇÃO”

Prof^a. Dr^a. Flávia Maria Corradin - USP

A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS À LUZ DA REVOLUÇÃO DE 1383

Prof. Dr. Flávio Garcia - UERJ/FFP

INTERLOCUÇÃO 5. Coordenação: Prof^a. Dr^a. Patrícia Cardoso – UFPR – Sala 405-B

Prof^a. Dr^a. Cláudia Amorim - UERJ

MEMÓRIA DO INFERNO N^{OS} *CUS DE JUDAS*

Prof^a. Dr^a. Aparecida de Fátima Bueno - USP

SOB O SIGNO DE NARCISO: AUTOBIOGRAFIA E FICÇÃO EM *CADERNOS DE LANZAROTE*

Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Simões - UFPA

NOS LIMITES DOS SENTIDOS

Prof. Dr. José Rodrigues Paiva - UFPE

NO LIMITE DA EXISTÊNCIA, O REGRESSO À ALDEIA ETERNA: RECORRÊNCIA TEMÁTICA NO ROMANCE DE VERGÍLIO FERREIRA

INTERLOCUÇÃO 6. Coordenação: Prof. Dr. Paulo Mota Oliveira – USP – Sala 218-C

Prof^a. Dr^a. Annie Fernandes - USP

A LÍRICA DE CAMÕES E A MODERNIDADE

Prof^a. Dra. Maria Helena Sansão Fontes – UERJ

A PERSONAGEM MÍTICA EM SARAMAGO E GUIMARÃES ROSA

Prof^a. Dr^a. Regina Michelli - UERJ/FFP

A LABIRINTIZAÇÃO EM *MEMÓRIA DE ELEFANTE*, DE LOBO ANTUNES

INTERLOCUÇÃO 7. Coordenação: Prof^a. Dr^a. Márcia Gobbi – UNESP – Sala 212-C

Prof^a. Dr^a. Mônica Simas - USP
SURREALISMO E ABJECCIONISMO: DUAS FORÇAS CONTROVERSAS

Prof^a. Dr^a. Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira - UFAM
NATUREZA VERSUS MATERIALIDADE CRUA EM *OBRA POÉTICA III*, DE SOPHIA DE MELLO
BREYNER ANDRESEN

Prof^a. Dr^a. Conceição Flores - Universidade Potiguar - UnP
UMA ROMANCISTA DO SÉCULO XVIII: TERESA MARGARIDA DA SILVA E ORTA

18:30 DEBATE: *Estudos Portugueses: Limites e Sentidos – Sala 405-B*

Debatedora: Prof^a Dr^a Gilda Santos - UFRJ

Participantes:

Dr. Antônio Gomes da Costa – Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Horácio Rolim. – Liceu Literário Português

Prof^a. Dra. Laura Padilha – Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana – NEPA – UFF

Prof^a Dr^a Teresa Cristina Cerdeira – Cátedra Jorge de Sena - UFRJ

Prof^a Dr^a Cleonice Berardinelli – Cátedra Pe. Antônio Vieira – PUC-RJ

Dra. Maria Fernanda Matias – Fundação Calouste Gulbenkian – Lisboa - Portugal

2º DIA: 24 de Agosto (4ª feira)

MANHÃ: Campus do Gragoatá (Bloco C)

9:00-10:30 – MESAS REDONDAS

MESA E: *Dos Sentimentos – Sala 218-C*

Coordenação: Prof^a. Dr^a. Vilma Arêas - UNICAMP

Prof^a. Dr^a. Teresa Cristina Cerdeira - UFRJ

A CONFISSÃO DE LÚCIO: UM ENSAIO SOBRE A VOLUPTUOSIDADE

Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Dal Farra - UFSE

O INOMINÁVEL

Prof. Dr. José Horácio Costa - USP

CV, FP E LC: APONTAMENTOS SOBRE A FORMAÇÃO DO CÂNONE DA POESIA
PORTUGUESA MODERNA

MESA F: *Dos Impasses – Sala 405-B*

Coordenação: Prof^a. Dr^a. Elza Miné - USP

Prof. Dr. Renato Cordeiro Gomes - PUC/RJ

REPRESENTAÇÕES DE LISBOA, CIDADE DECANTADA: DECIFRAR A MAGIA DOS LUGARES

Prof^a Dr^a Ana Paula Arnaut - Universidade de Coimbra

O EU QUE ERA OUTRO: A FICÇÃO NARRATIVA DE RUBEN A.

Prof^a. Dr^a Inocência Mata - Universidade de Lisboa

OS LIMITES DOS SENTIDOS DA DICOTOMIA *UNIVERSAL/LOCAL* NAS LITERATURAS
AFRICANAS

MESA G: *Dos Resgates – Sala 207-C*

Coordenação: Prof. Dr. Haqira Osakabe - UNICAMP

Prof. Dr. Antônio Assis Brasil - PUC-RS

VAMBERTO FREITAS E O SISTEMA LITERÁRIO AÇORIANO

Prof. Dr. Paulo Franchetti - UNICAMP

EDITAR CAMILO PESSANHA: UMA QUESTÃO DE MÉTODOS E PRINCÍPIOS

Prof. Dr. Ettore Finazzi-Agró - Universidade de Roma *La Sapienza*

RE-ESCREVER, HIBRIDISMO E CONTAMINAÇÃO EM *VALE ABRAÃO*

MESA H – *Dos Tempos – Sala 505-C*

Coordenação: Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes Neto Simões - UESC

Prof^a. Teresa Martins Marques - Ministério da Educação/Investigadora Literária

DAVID MOURÃO-FERREIRA E ALMEIDA GARRETT: OS SENTIDOS E OS LIMITES DE UM JOGO DE ESPELHOS

Prof^a. Dr^a. Ângela Beatriz Faria - UFRJ

NA ULTRAPASSAGEM DOS SENTIDOS, A PRESENÇA DE CORPOS ATIVOS E SOLIDÁRIOS NA HISTÓRIA

Prof^a. Dr^a. Tânia Macedo - USP

TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS DA LITERATURA ANGOLANA: AS REVISITAÇÕES DO PASSADO

10:30 – 11:00: *Intervalo*

11:00 – 13:00: SESSÃO DE COMUNICAÇÕES A

MESA 1: Sala 405-B

Coordenação: Dalva Calvão - UFF

Benilde Justo Lacorte Caniato – USP

MARIA JUDITE DE CARVALHO E SUAS “MULHERES A SÓS”

Rosiane Silva de Souza – PG - UFRJ

“MARIDO”: REPENSANDO O LUGAR FEMININO

Luanna Guimarães Belmont – PG - UFF

LLANSOL E AS TENTAÇÕES DE UMA REPRODUÇÃO ESTÉTICA DO MUNDO

Flávia Aninger de Barros Rocha – UNEB

VIAGENS META-FICCIONAIS EM “A FLORESTA EM BREMERHAVEN” DE OLGA GONÇALVES

MESA 2: Sala 505-C

Coordenação: Maria Fernanda Matias (Fund. Calouste Gulbenkian)

Jorge Valentim – UFRJ/UGF
RELEITURAS SCHUBERTIANAS: MÚSICA E POESIA NAS PAUTAS POÉTICAS DE JORGE DE
SENA E HELDER MACEDO

Leonardo Gandolfi – PG - UFF
LINGUAGEM, PAISAGEM: SOBRE ALGUNS VERSOS DE CARLOS DE OLIVEIRA

Roberto Nunes Bittencourt – PG - PUC-Rio
A ARTE DE AMAR É EXACTAMENTE A DE SER POETA: DA IDENTIDADE ENTRE AMOR E
POESIA NOS VERSOS DE DAVID MOURÃO-FERREIRA

Fernando Pereira dos Santos – PG - UERJ
A MUSICALIDADE E A BRASILEIRIDADE DO CHORO NA POESIA DE ALBANO MARTINS

MESA 3: Sala 212-C

Coordenação: Profa. Dra. Luci Ruas – UFRJ

António Manuel de Andrade Moniz – Universidade Nova de Lisboa
A RESSIGNIFICAÇÃO DOS MITOS CLÁSSICOS NA LITERATURA PORTUGUESA
CONTEMPORÂNEA

Nildecy de Miranda Bastos – UFBA/PG
UMA ESCRITA NO BARRO CODIFICANDO SENTIDOS DE UM TEMPO

Rita Aparecida Coelho Santos – UNEB
PALÁCIO INVISÍVEL, MURO DE VIDRO: UM PINTOR NO ESPELHO

Alessandra Cristina Moreira Magalhães – PG - PUC-Rio
ENCONTRO MARCADO COM A *INDESEJADA DAS GENTES*: LEITURAS DA MORTE NA
FICÇÃO PORTUGUESA

MESA 4: Sala 314-B

Coordenação: Maria da Glória Bordini – PUC-RS

Izabel Cristina dos Santos Teixeira – UFTO
A MULHER QUE SAIU PELA PORTA DAS DECISÕES

Madalena Aparecida Machado – PG-UFRJ
O HOMEM DUPLICADO NO UNIVERSO DA SENSIBILIDADE

Tereza Izabel de Carvalho – PG - USP
“OS HOMENS DUPLICADOS” NA LITERATURA

Eloísa Porto Corrêa – PG - UFRJ
A DEMANDA DA IDENTIDADE ATRAVÉS DO ESPELHO: UMA LEITURA DE *O HOMEM
DUPLICADO* DE JOSÉ SARAMAGO

MESA 5: Sala 307-B

Coordenação: Izabel Margato – PUC-Rio

Joceli da Silva Pereira – UNIV. MACKENZIE
A INTRATEXTUALIDADE ENTRE *MEMORIAL DO CONVENTO* E *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*,
DE JOSÉ SARAMAGO

Thiago Oliveira Santos – PG - UFGO

A CONDIÇÃO HUMANA NOS “ROMANCES-ENSAIOS” DE JOSÉ SARAMAGO

Flávia Belo Rodrigues da Silva – PG - UFRJ

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA DE JOSÉ SARAMAGO OU O RESGATE DA LUCIDEZ

Nanci Geroldo Richter – FIA

DIALOGISMO EM *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*

MESA 6: Sala 303-B

Coordenação: Maria Fernanda Abreu - UNL

Vitor Santos de Oliveira – PG - UFRJ

DAVID MOURÃO-FERREIRA NO *JL*

Carolina Casarin da Fonseca Hermes – UFRJ

“TREPADEIRA SUBMERSA”: UMA LEITURA DO CONTO HOMÔNIMO DE DAVID MOURÃO-FERREIRA

Verônica Rodrigues F. G. – PG - PUC-Rio

OS LINHOS E A LINHA DO TEMPO NOS ESPAÇOS PORTUGUESES

Lara Leal – PG - PUC-Rio

TODA OBRA TEM DE SER UM PREFÁCIO À MADRUGADA? – BREVES NOTAS SOBRE AS IMAGENS DA INFÂNCIA N’A *PAIXÃO* DE ALMEIDA FARIA

MESA 7: Sala 301-B

Coordenação: Rita Chaves - USP

Samantha Simões Braga – PG - UFF

A NARRATIVA CINEMASCÓPICA DE *JANELA PARA O ORIENTE*: O OLHAR-CÂMERA DE EDUARDO WHITE

Cíntia Machado de Campos Almeida – PG - UFRJ

NA PONTA DA PENA: A ESCRITURA DE SONHOS, DESEJOS, PAISAGENS E MEMÓRIAS EM LETRAS E CORES DE MOÇAMBIQUE

Flávia Tebaldi Henriques de Queiroz – PG - UFRJ

OS LIMITES DA PÁTRIA E OS SENTIDOS DO EXÍLIO NA OBRA DE JORGE DE SENA E RUI KNOPFLI

Robson Dutra – UFRJ

SOBRE QUANDO CHORAR É PRECISO

MESA 8: 216-B

Coordenação: Ângela Beatriz Faria - UFRJ

Vera Lopes da Silva – PUC-Minas

A VERSÃO DE MARIA, UM TEXTO IN VERSÕES

Tânia Mara Borges Sturcq – UFSC

O DESCONFORTO

Denilson Luís dos Santos Moreira – PG - USP

O HUNILDE SUBLIME EM VITORINO NEMÉSIO

André Luís Mitidieri-Pereira – PG - PUCRS
O HOMEM SUSPENSO EM LIMITES IMPRECISOS

MESA 9: Sala 214-B

Coordenação: Ana Mafalda Leite - UL

José Maurício Saldanha Alvarez – UFF
SE CAMÕES EM SUA VE MELOPÉIA NA DURA PEDRA LAVRASSE A LUSA E GLORIOSA EPOPÉIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ICONOTEXTO E O LUGAR DIALOGAL ENTRE NARRATIVA DA NAÇÃO E ARQUITETURA

Priscila Seixas da Costa – IC - UFF
A REVISTA CONVERGÊNCIA E A POLÍTICA CULTURAL DO REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA

Fernanda Suely Muller – PG - USP
OS LUSO-BRASILEIROS E O JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO: SUBSÍDIOS PARA UMA ANÁLISE TRANSCULTURAL

Fábio André Cardoso Coelho – PG - UERJ
A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO BRASILEIRO NO ROMANCE PORTUGUÊS DO SÉCULO XIX

MESA 10: Sala 205-B

Coordenação: Maria de Fátima Ribeiro Maia – UFBA

Gilson Penalva – UFPA
O IMIGRANTE NA LITERATURA DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA: REFLEXÕES SOBRE CULTURA E IDENTIDADE EM MILTOM HATOUM E FERREIRA DE CASTRO

Diego Ferreira Marques – IC - UFF
UMA TAL MITOPOÉTICA DO INSTÁVEL: SOBRE DUAS FALAS DE RUY DUARTE DE CARVALHO

Maria Cláudia Galera - USP
A POÉTICA DA RELAÇÃO E AS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM MAR REVOLTO ENTRE CABO VERDE E PORTUGAL

MESA 11: Sala 203-B

Coordenação: Maria Fernanda Alvito - UFES

Márcia Manir Miguel Feitosa – UFMA
A VOZ PROFÉTICA DE FERNANDO PESSOA: O MITO DO QUINTO IMPÉRIO NA SUA FORMA CORPÓREA

Carlos Eduardo Soares da Cruz – UERJ
ETERNO RETORNO À LISBOA DE ÁLVARO DE CAMPOS

Lúcia Maria Moutinho Ribeiro – UNIRIO
OPIÁRIO: DELÍRIO X REALIDADE

José Ney Costa Gomes – PG - USP
ADEUS AO EU: A ENUNCIÇÃO DO OUTRAR-SE

Mônica Império Simiscuka - USP,
O SÍMBOLO DA NOITE NA POESIA ORTÔNIMA DE FERNANDO PESSOA.

MESA 12: Sala 201-B

Coordenação: Ângela Dias - UFF

Valdemir Manoel do Carmo – UNIV. MACKENZIE
A CARNAVALIZAÇÃO, SEGUNDO BAKHTIN, NA OBRA *O CRIME DO PADRE AMARO*, DE
EÇA DE QUEIRÓS

Alana de O. Freitas El Fahl – PG - UFBA
SINGULARIDADES DE UMA NARRATIVA CURTA: A TEMÁTICA AMOROSA NOS CONTOS
DE EÇA DE QUEIRÓS

Roberta Corrêa Trindade Vieira – IC - UFRJ
OS MAIAS – A TRAGÉDIA FEMININA

Evelyn Blaut Fernandes – IC - UFRJ
DA HISTERIA COMO UMA POSSÍVEL RESPOSTA FEMININA NO PORTUGAL DE EÇA DE
QUEIRÓS

MESA 13: Sala 207-B

Coordenação: Sérgio Nazar-David - UERJ

Rosa Esteves - FCT
APONTAMENTO: WILLIAM BECKFORD E GARRETT

Artur Emílio Alarcon Vaz – FURG / PG - UFMG
ANTÓNIO JOSÉ DOMINGUES (1791-1860), UM POETA PORTUGUÊS (?) NO BRASIL PÓS-1822

Maria Ivone P. M. Fedeli – UNIV. DE GUARULHOS / PG - USP
A RECEPÇÃO DA OBRA DE JÚLIO DINIS

Jane Adriane Gandra Veloso – PG - USP
PINHEIRO CHAGAS NAS HISTÓRIAS LITERÁRIAS

MESA 14: Sala 207-C

Coordenação: Ronaldo Menegaz - ABL

Márcia Arruda Franco – USP
O TEXTO TRIPLO DE UMA CANTIGA DE SÁ DE MIRANDA

Sheila Hue – UFRJ
MOVÊNCIAS, VARIAÇÕES E ACIDENTES DE PERCURSO EM POEMAS E CANTIGAS
QUINHENTISTAS

Marcello Moreira – UESB
A POESIA LAUDATÓRIA DE SÁ DE MIRANDA

Maurício Matos – UFRJ
“VENTURA SEMPRE NO MAL”: O CANCIONEIRITO DA EDIÇÃO DE FERRARA COMO
TESTEMUNHO DE UMA ESCOLA BERNARDINIANA NO SÉCULO XVI

MESA 15: Sala 218-C

Coordenação: Horácio Costa - USP

Sérgio Paulo Adolfo – UEL

NOVOS TEMPOS, NOVOS OLHARES: O ENSINO DE LITERATURA PORTUGUESA NO BRASIL

Maria José Costa – UFF/PG

A QUESTÃO DA LEITURA: IMPASSES NO ENSINO DE LITERATURA PORTUGUESA NO BRASIL

Izabel Cristina Augusto de Souza Faria – FAC. GAMA E SOUZA

A SUBLIMAÇÃO DO MEDO: UMA TRAVESSIA DO SELVAGEM AO CIVILIZACIONAL

Oziris Borges Filho – C.U. MOURA LACERDA

ESPAÇO E LITERATURA: INTRODUÇÃO À TOPOANÁLISE

13:00 – 14:30: Almoço

TARDE – *Campus* Gragoatá (Bloco C)

14:30 – 16:00: MESAS-REDONDAS

MESA I : *Das Experiências* – Sala 207-C

Coordenação: Prof^a . Dr^a. Gilda Santos - UFRJ

Prof. Dr. Francisco Ferreira de Lima - UEFS

A PERMANÊNCIA RASURADA: A POESIA DIALÓGICA DE CASTRO MENDES

Prof. Dr. Francisco Maciel Silveira - USP

A ESSÊNCIA NEOPARNASIANA DA HETERONÍMIA

Prof. Dr. Sérgio Nazar-David - UERJ

DUAS FACES DA RENÚNCIA EM GARRETT

MESA J : *Dos Sentimentos* – Sala 505-C

Coordenação: Prof^a. Dra. Dalva Calvão –UFF.

Prof^a . Dr^a. Patrícia Cardoso - UFPR

RAZÃO E SENTIMENTO, CAMILO E OLIVEIRA MARTINS, A PROPÓSITO DE D. SEBASTIÃO

Prof^a . Dr^a. Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira - UFF

DO PASSO AO SALTO, UMA LEITURA DO AMOR E DO ÓDIO EM *O CAVALO DE SOL*, DE TEOLINDA GERSÃO

Prof. Dr. Helder Garmes - USP

EÇA DE QUEIRÓS E A CASA DE ESPELHOS

MESA L – *Dos Impasses* – Sala 405-B

Coordenação: Prof^a. Dra. Luci Ruas – UFRJ

Prof^a. Dr^a. Vilma Arêas - UNICAMP
“SEM NOME” ENQUANTO ALUSÃO IRÔNICA AO IMPASSE DA FICÇÃO CONTEMPORÂNEA E
AO “MILENARISMO INVERTIDO (JAMESON) QUANTO À ARTE

Prof^a. Dr^a. Anamaria Filizola - UFPR
IMPASSES GARRETIANOS DE ONTEM E HOJE

Prof. Dr. João Barrento - Universidade Nova de Lisboa
A LITERATURA (PORTUGUESA) EM TEMPOS DE INDIGÊNCIA

MESA M: *Dos Resgates* – Sala 218-C
Coordenação: Prof. Dr. José Carlos Barcellos - UFF

Prof^a. Dr^a. Elza Miné - USP
RESGATANDO JAIME BATALHA REIS NOS 70 ANOS DE SUA MORTE

Prof^a. Dr^a. Ana Mafalda Leite - Universidade de Lisboa
A MORTE COMO EXÍLIO NA POESIA DE JOSÉ CRAVEIRINHA

Prof. Dr. Haqira Osakabe - UNICAMP
FANNY OWEN DE AGUSTINA BESSA-LUÍS – UM AJUSTE DE CONTAS?

16:00 – 16:20: Intervalo

16:20 – 18:00: SESSÃO DE COMUNICAÇÕES B

MESA 16: Sala 218-C
Coordenação: Tânia Macedo - USP

Rejane Vecchia da Rocha e Silva – UFBA
ENTRE PASSADO, PRESENTE E FUTURO, O MATERNO MAR

Iza Quelhas – UERJ/FFP
A PLANÍCIE DE UM MUNDO POR NASCER: A DESCRIÇÃO DO ESPAÇO ME *PORTAGEM*, DE
ORLANDO MENDES

Wálney da Costa Oliveira – UEFS- PG - UFF
POETICAMENTE CIENTÍFICO: TEORIA ANTROPOLÓGICA E HISTORIOGRAFIA EM *VOU LÁ
VISITAR PASTORES*

Otávio Henrique Rodrigues Meloni – PG - UFF
A UNIÃO PELO TRAÇO: JOÃO MAIMONA, A POESIA DO DESENGANO

MESA 17: Sala 405-B
Coordenação: José Maurício Saldanha - UFF

Roberto Pontes – UFCE
A LITERATURA AFROBRASILEIRA NUMA CRÔNICA DE RUY GUERRA

Karin Lillian Hagemann Backes – PUC-RS
MADORNA DE IAIÁ: A BERCEUSE AFRO-BRASILEIRA DE JORGE DE LIMA

Jaqueline Beatriz Teixeira Barbosa – UNIMONTES
AS IMAGENS DE PORTUGAL NA POESIA DE GILBERTO MENDONÇA TELES

MESA 18: Sala 212-C

Coordenação: Ana Paula Arnaut – Univ. de Coimbra

Maria de Penha Campos Fernandes – UNIV. DO MINHO

A LITERATURA E *O SILÊNCIO*: DA ALEGORIA E DA IRONIA COMO FIGURAS EPISTEMOLÓGICAS

Elzira Divina Perpétua – PUC-Minas

MODOS DE VER, MODOS DE ANDAR: O LEITOR EM TEOLINDA GERSÃO

Grazielle Katyane dos Santos Silva – PG - UNESP

OS GUARDA-CHUVAS CINTILANTES, UM DIÁRIO BASTANTE INSÓLITO

Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque – UFAM

A TEORIA DOS INCIDENTES OU UMA LEITURA PARA *OS TECLADOS*, DE TEOLINDA GERSÃO

MESA 19: Sala 207-C

Coordenação: Renato Cordeiro Gomes – PUC-Rio

Alexandre Montaury – PUC-Rio

O INCÊNDIO DO AMOR, AS CINZAS DA RAZÃO: UMA LEITURA DE *QUE FAREI QUANDO TUDO ARDE?* DE LOBO ANTUNES

Eunice Esteves – PUC-Minas

NO ESPAÇO DO HADES: *OS TECLADOS*, DE TEOLINDA GERSÃO

Ivan Takashi Kano – IC - UFF/CNPq

NARRATIVA EM ALTA VELOCIDADE: TEMPO E DISTÂNCIA EM *SAUDADES DE NOVA IORQUE*

Angela Maria Guida – PG - UFJF

A JANGADA DE SARAMAGO: O LIMITE ENTRE DOIS MUNDOS

MESA 20: Sala 505-C

Coordenação: Ettore-Finazzi-Agró - UR

Patrícia Kátia da Costa Pina – UESB

O LUGAR DE UM “NÃO”: LEITOR E LEITURA EM JOSÉ SARAMAGO

Jonas Tenfen – UFSC

A(S) CAVERNA(S): PLATÃO, SARAMAGO E A PERCEPÇÃO DA REALIDADE

Elisabeth Carvalho Peiruque – UFRGS

HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA: DO REAL AO IMAGINÁRIO

Vanessa Cardozo Brandão – PG - PUC-Minas

CENTRO E MARGENS LITERÁRIAS: ALEGORIA E MITO EM *A CAVERNA*, DE JOSÉ SARAMAGO

MESA 21: Sala 201-B

Coordenação: Maria do Socorro Simões - UFPA

Rosa Maria Santos Mundim – UnilesteMG
VISÃO DO MUNDO COMO LABIRINTO: CAMINHOS E BUSCAS HUMANAS EM *TODOS OS NOMES*

Aurora Gedra Ruiz Alvarez (Universidade Presbiteriana Mackenzie)
Lílian Lopondo (Universidade de São Paulo / Universidade Presbiteriana Mackenzie)
O DIÁLOGO SOCRÁTICO COMO INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO DA AUTOCONSCIÊNCIA

Daniel de Oliveira Gomes – PG - UFSC
SARAMAGO E AS ZONAS OPACAS DO IMPERIALISMO TÉCNICO

Maria Alice Sabaini de Souza – PG - UEM
ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: A ÉTICA E OS VALORES MORAIS NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS

MESA 22: Sala 205-B

Coordenação: Mônica Simas - USP

Leticia Villela Lima da Costa – PG - PUC-Rio
RUY CINATTI: O ENGENHEIRO DAS FLORES

Sebastião Edson Macedo – IC - UFRJ
ARTE DE MÚSICA, DE JORGE DE SENA: PROTOCOLOS DE LEITURA

Alana Francisca Costa da Silva – PG - UFRJ
O HERÉTICO E O ERÓTICO NA POESIA DE DAVID MOURÃO-FERREIRA E HELDER MACEDO

Marcus Vinícius Couto Rodrigues – PG - UFF
EUGÊNIO DE ANDRADE: OS DIZERES DO CORPO NÃO DITO

MESA 23: Sala 207-B

Coordenação: Regina Michelli - UERJ

Mariluzia Cristina Nascimento – UNIV. DE COIMBRA
A VISÃO DO OCIDENTE SOBRE O ORIENTE, A CRÍTICA SOCIAL E O HUMOR SOB A PERSPECTIVA DA FICÇÃO DE FERNANDO PESSOA

Deneval Siqueira de Azevedo Filho – UFES
A CAVERNA PÓS-MODERNA DE JOSÉ SARAMAGO E O MITO

Flávia Nascimento – UNIV. DE RENNES 2
NOTAS SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE LISBOA EM *BALADA DA PRAIA DOS CÃES*, DE JOSÉ CARDOSO PIRES

Roseana Nunes Bacarat de Souza Figueiredo – USP/PG
O SEGREDO DA BASTARDA: HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE PORTUGUÊS

MESA 24: Sala212-B

Coordenação: Rita do Perpétuo Socorro - UFAM

Silvani Lopes Lima – PG - UFSM
NARRATIVA, MITO E HISTÓRIA EM *O CONQUISTADOR* DE ALMEIDA FARIA

Raquel de Sousa Ribeiro – USP
VIDA E MORTE EM *O CONQUISTADOR*, DE ALMEIDA FARIA

Nilza Mara Pereira – PG - UFSM
POR QUE SONHA *O CONQUISTADOR* DE ALMEIDA FARIA

Valéria da Rocha Aveiro – UNIV. MACKENZIE
O CONQUISTADOR DE ALMEIDA FARIA: UMA PARÓDIA DESSACRALIZADORA DO MITO SEBASTIANISTA

MESA 25: Sala 214-B

Coordenação: Osmar Oliva - UNIMONTES

Maria Heloísa Martins Dias – UNESP
O CANCRO CRÍTICO

Emerson da Cruz Inácio – PG - UFRJ
OUTROS BARÕES ASSINALADOS: A EMERGÊNCIA DO DISCURSO GAY NA PRODUÇÃO LITERÁRIA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

Ângela Cristina de Souza Rego – PG - UFF
AL BERTO: A EXPERIÊNCIA DO SER NA CONSTRUÇÃO ESTÉTICA DO OUTRO

Antonio da Silva Andrade – UNIFIEO
A CONFISSÃO DE LÚCIO: VISÕES ÀS AVESSAS E RETRATO DE DORIAN GRAY

MESA 26: Sala 216-B

Coordenação: Rita Maria Abreu Maia – CEFET/Campos

Tatiana Alves Soares Caldas – UNIV. ESTÁCIO DE SÁ / UNIVERCIDADE
DA FRÁGIL DAMA À *FEMME FATALE*: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM FLORBELA ESPANCA

Mariângela Borba Santos – UESB
FLORBELA ESPANCA: UMA “VOZ FEMININA” NA LÍRICA PORTUGUESA

Suilei Monteiro Giavara – PG – UNESP/Araraquara
O SONETO EM FLORBELA ESPANCA: DIÁLOGOS ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE

Roseli Broering dos Santos – PG - UFSC
“VIVER E NÃO SABER QUE SE VIVE”: RASTROS POÉTICOS NA *BIO* E *GRAFIA* DE FLORBELA ESPANCA

MESA 27: Sala 301-B

Coordenação: Maurício Matos - UFRJ

Liana Flosky Manno – PG - UERJ
EÇA DE QUEIRÓS EM *O DISTRITO DE ÉVORA*: JORNALISMO A SERVIÇO DO BEM

Ana Paula Foloni Gamba – PG - UNESP
O CRONÓTOPO E O ROMANCE DE AVENTURAS E DE COSTUMES EM *O MANDARIM*, DE EÇA DE QUEIRÓS

Aldira Siqueira de Sant’Anna – IC - UFRJ/CNPq
OS ESPAÇOS SOCIAIS EM *O CRIME DO PADRE AMARO*: DAS LACUNAS À TRANSFORMAÇÃO

Juliana Souza Santana – IC - UFRJ

A QUASE AUSÊNCIA DE EROS: UMA FACE IRÔNICA EM *A CIDADE E AS SERRAS*

MESA 28: Sala 303-B

Coordenação: Pedro Brum - UFSM

João de Araújo Vicente – PG - UFSC
GATUNAGEM: EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE

Ilca Vieira de Oliveira – UNIMONTES
O POETA GONZAGA E SUAS VIAGENS

Francisca Amélia da Silveira - UNISAL
AS CATEDRAIS

Marcos Vidal – UNIRITTER
EXOTOPIA E TRABALHO ESTÉTICO EM *NETTO PERDE SUA ALMA*, DE TABAJARA RUAS, E
DESCIDA AOS INFERNOS, DE CARLOS DE OLIVEIRA: INTERTEXTUALIDADES

MESA 29: Sala 305-B

Coordenação: José Rodrigues Paiva - UFPE

Márcio Ricardo Coelho Muniz – UEFS
QUEM VIU SEMPRE UM ESTADO DELEITOSO? FICÇÃO E HISTÓRIA N'OS *LUSÍADAS*

Tércia Costa Valverde – PG - UEFS
CAMÕES NA PRAÇA, SOB O OLHAR DE CESÁRIO VERDE E LOBO ANTUNES

Raquel Trentin de Oliveira – PG - UFSM
A FIGURAÇÃO DO ESPAÇO DO OUTRO N'OS *LUSÍADAS* E NA *PEREGRINAÇÃO*

Luiz Fernando de Moraes Barros – PG - UFRJ
OS ENFATRIÕES: DIÁLOGOS ENTRE O LÍRICO E O DRAMÁTICO EM UM AUTO
CAMONIANO

MESA 30: Sala 307-B

Coordenação: Flávia Corradim - USP

Valdeci Batista de Melo Oliveira – PG - USP
ORFEU REVISITADO N'O *INFERNO* DE BERNARDO SANTARENO

Kassia Fernandes da Cunha – PG - UFF
ÉDIPO X MARIA DE NORONHA: A DOR DA PERDA DA FAMÍLIA

Zeneida Parente Alves Neta – IC - UFMA
A CRUELDADE E O AFETO EM *FREI LUÍS DE SOUSA*: O ENFOQUE NO DRAMA EXISTENCIAL
DE TELMO PAIS

Giselle Nunes de Castro – IC - UERJ/FFP
PONTOS E CONTRAPONTO ENTRE *CORTES DE JÚPITER* E *UM AUTO DE GIL VICENTE*

18:15 – 19:50 - ENCONTRO COM ESCRITORES: *Os Sentidos da Escrita*

Antônio Cícero, Boaventura Cardoso, Hélia Correia, João Melo, Nuno Júdice e Pedro Paixão

- Auditório Macunaíma – Sala 405-B

3º DIA: 25 de Agosto (5ª feira)

MANHÃ: *Campus* do Gragoatá (Bloco C)

9:00-10:30 – MESAS REDONDAS

MESA N: *Dos Tempos – Sala 405-B*

Coordenação: Prof^a. Dr^a. Anamaria Filizolla - UFPR

Prof^a. Dr^a. Lélia Parreira Duarte - PUC/MG

NEM SÓ MAS TAMBÉM: ESCREVER NA ÁGUA, COM AUGUSTO ABELAIRA

Prof^a. Dr^a. Maria Theresa Abelha - UFRJ/Universidade Jorge Amado

IMAGENS DE RETORNO EM TEMPO DE PAIXÕES

Profa. Dra. Maria da Glória Bordini – PUC-RS

O INVERSO DE NOSSA DESESPERANÇA NA POESIA DE HELDER MACEDO

MESA O – *Das Experiências – Sala 505-C*

Coordenação: Profa. Dra. Dalva Calvão –UFF.

Prof^a. Dr^a. Márcia Valéria Zamboni Gobbi - UNESP

NO LIMITE (AUSENTE) ENTRE A FICÇÃO E A HISTÓRIA, A EXPERIÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS

Prof. Dr. Mário César Lugarinho - UFF

SOBRE ALGUMAS MÁSCARAS E MASCARAMENTOS, A POESIA PÓS-PESSOANA DE ALBERTO

Prof^a. Dr^a. Nadiá Paulo - UERJ

GREGÓRIO DE MATOS GUERRA: UM NOME, UMA OBRA E UM ESTIGMA

MESA P: *Dos Sentimentos – Sala 207-C*

Coordenação: Prof^a. Dr^a. Laura Padilha - UFF

Prof^a. Dr^a. Maria Nazareth Soares Fonseca - PUC/MG

COM O “CORACÃO EM ÁFRICA”: RENÉ DEPESTRE E FRANCISCO JOSÉ TENREIRO

Prof^a. Dr^a. Rita Chaves - USP

O ROMANCE ANGOLANO: PERSPECTIVAS DA CONTEMPORANEIDADE

Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia Tindó Secco - UFRJ

NAS TRILHAS DO SENTIR

MESA Q: *Dos Impasses – Sala 218-C*

Coordenação: Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira - UFF

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Ferreira - Universidade de Minnesota

PARA UMA ÉTICA DA MEMÓRIA: TESTEMUNHA E EVENTO DO SENTIDO NA FICÇÃO DE LÍDIA JORGE

Prof. Dr. Manuel Ferro - Universidade de Coimbra

OS ÚLTIMOS AMORES DE PEDRO E INÊS: O TRÁGICO DO AMOR PORTUGUÊS DE MÁRIO CLÁUDIO

Prof. Dr. Pedro Brum

O MÚLTIPLO E O DIVERSO EM *VÍCIOS E VIRTUDES*

10:30 – 11:00: Intervalo

11:00 – 13:00: SESSÃO DE COMUNICAÇÕES C

MESA 31: Sala 218-C

Coordenação: José Clécio Quesado - UFRJ

Lilian Jacoto – USP

A CRUZ OBLÍQUA DE FERNANDO PESSOA: UMA ANÁLISE SEMIOLÓGICA

Ermelinda Maria Araújo Ferreira – UFPE

OLHO MÁGICO: O PRINCÍPIO ESTÉTICO DO SENSACIONISMO PESSOANO

Fernando Segolin – PUC-SP

ÉTICA E POÉTICA EM FERNANDO PESSOA: POR UMA ESCRITURA DO DESEJO E DA PERVERSÃO

Amle Albernaz de Amorim – PG - UFRJ

O TEMPO CONDICIONAL EM PESSOA

MESA 32: Sala 205-B

Coordenação: Ernesto Rodrigues - UL

Andrea Santurbano – UNIV. DI ROMA “TOR VERGATA”

JOSÉ RÉGIO E MANOEL DE OLIVEIRA: INTERSECÇÕES ARTÍSTICAS EM BUSCA DO “PRÓPRIO CASO” NO LIMAR DO PARADOXO EXISTENCIAL

Virgínia Bazzetti Boechat – PG - PUC-Rio

SOPHIA ANDRESEN POR SOPHIA ANDRESSEN: AUTO-REFLEXÃO E REFERENCIALIDADE

Luiz Carlos de Moura Azevedo – PG - USP

“PRECISO DE ESTAR SÓ”: O INTIMISMO DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN, A PARTIR DE “PASSAM OS CARROS”

Paola Poma – FUND. ARMANDO ALVARES PENTEADO

SITUAÇÕES DO AMOR: DE PESSOA PARA SOPHIA PARA ADÍLIA

MESA 33: Sala 505-C

Coordenação: Maria Aparecida Ribeiro – Univ. de Coimbra

Izabela Guimarães Guerra Leal – PG - UFRJ

A ESCRITA TRANSGRESSORA EM ARTAUD E HERBERTO HELDER: A PROPÓSITO DA
TRADUÇÃO DE UM POEMA DE POE

Carla da Silva Miguelote – PG - UFF
AS DEFORMAÇÕES DO CORPO NA POÉTICA DE LUÍS MIGUEL NAVA

Aurélia Hubner Peixoto – PG - UEL
O METALITERÁRIO NA POESIA DE CARLOS DE OLIVEIRA

Sofia de Sousa Silva – PG - PUC-Rio
A CASA E OS MOINHOS

MESA 34: Sala 212-B

Coordenação: Profa. Dra. Luci Ruas – UFRJ

Maria Fernanda Matias – FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
INTELECTUAIS NA OPOSIÇÃO - O NEO-REALISMO PORTUGUÊS (1940 - 1950)

Francesco Jordani Rodrigues de Lima – PG - UFRJ
JOSÉ CARDOSO PIRES E JOSÉ J. VEIGA: ALEGORIA, IDEOLOGIA E SUBVERSÃO NA
LITERATURA EM TEMPOS DE DITADURA

Michele Dull Sampaio Beraldo Matter – PG - UFRJ
DE *SEARA DE VENTO*: ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO, A ESCRITA DE UM NOVO OLHAR

Susanne Maria Lima Castrillon – UNEMAT
OS SENTIDOS DA VIOLÊNCIA EM *O ESCRAVO*, DE JOSÉ EVARISTO DE ALMEIDA

MESA 35: Sala 405-B

Coordenação: Helder Garmes - USP

Alfeu Sparemberguer – UNIJUÍ
EXPERIÊNCIAS ENTRELAÇADAS E “TERRITÓRIOS SOBREPOSTOS”: ESTUDO DO ROMANCE
VINDIMAS NO CAPIM, DE JOSÉ BRÁS

Vima Lia Martin – USP
A TRANSCULTURAÇÃO NARRATIVA NA ÁFRICA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Evandro Luis Von Sydow Domingues – PG - UFF
ALEGRES CORRUPÇÕES

Jane Tutikian – UFRGS
LUÍS CARDOSO: UM ESCRITOR DE TRAVESSIAS

MESA 36: Sala 207-C

Coordenação: José Luís Fourreaux - UFOP

Madalena Vaz Pinto – PUC-Rio
VANGUARDAS EM PORTUGAL E NO BRASIL

Amyres de Sousa – PG - UFF
MERCANCIA DE MEMÓRIAS: *O VENDEDOR DE PASSADOS*

Mayara Ribeiro Guimarães – PG - UFRJ

CLARICE LISPECTOR E MARIA GABRIELA LLANSOL: UMA POÉTICA ATRÁS DO PENSAMENTO

Eduardo Prazeres dos Santos – PG - PUC-Rio

ANTÓNIO RAMOS ROSA E MANOEL DE BARROS: POETAS CONCEBIDOS SEM PECADO

MESA 37: 216-B

Coordenação: Deneval Siqueira - UFES

Patrícia Peterle – UNESP-Assis – PG - UFRJ

O OLHAR INQUIETO E INTERROGADOR EM *LISBOA LIVRO DE BORDO* DE JOSÉ CARDOSO PIRES

Márcio Luiz da Silva Guimarães – PG - UFF

CARNAVALIZAÇÃO DO ROMANCE POLICIAL EM *BALADA DA PRAIA DOS CÃES*, DE JOSÉ CARDOSO PIRES

Rosângela Sarteschi – PG - USP

A PERSONAGEM FEMININA EM *BALADA DA PRAIA DOS CÃES*, DE JOSÉ CARDOSO PIRES

Simone de Almeida e Silva – UNIV. IBIRAPUERA

O MITO DE ÍCARO EM *ALEXANDRA ALPHA* DE JOSÉ CARDOSO PIRES

MESA 38: 301-B

Coordenação: Benilde Justo Caniato - USP

Tecia Vailati – UFSC

A ABSOLVIÇÃO SARAMAGUIANA DE DON JUAN

Agnes Teresa Colturato Cintra – PG - UNESP

MITO E MARAVILHOSO EM *A JANGADA DE PEDRA*, DE JOSÉ SARAMAGO

Marcos Lopes – PG - UNICAMP

A MÁQUINA DE ANALOGIAS

Alcindo Miguel Martins Filho – PG - UFF

UM CASAMENTO NO INFERNO: UNIÃO, SUICÍDIO E LOUCURA EM *LEVANTADO DO CHÃO*, DE JOSÉ SARAMAGO

MESA 39: Sala 303-B

Coordenação: Silvana Pessoa - UFMG

Janine Resende Rocha – PG - UFMG

A NARRAÇÃO DA MORTE SEGUNDO MACHADO DE ASSIS E LOBO ANTUNES

Fernando Baião Viotti – PG - UFMG

NOTAS SOBRE O HORROR NA FICÇÃO DE LOBO ANTUNES

Denis Leandro Francisco – PG - UFMG

O AVESSE DO KITSCH: A MORTE EM QUE *FAREI QUANDO TUDO ARDE?*, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Cid Ottoni Bylaardt – PG - UFMG

A POTÊNCIA SILENCIOSA DA PALAVRA EM *BOA TARDE ÀS COISAS AQUI EM BAIXO*, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

MESA 40: Sala 310-B

Coordenação: Ana Paula Ferreira - UC

Érica Antunes Pereira – UEL – UNIPAR

O EPIFÂNICO (RE)CONHECIMENTO DO “EU” NAS VOZES FEMININAS DE ANA MARIA BRANCO E ROSA ALICE BRANCO

Leonice Rodrigues Pereira – UNEMAT

MULHER E MEMÓRIA EM *PERCURSOS* DE WANDA RAMOS

Daniella da Rocha Bressan – PG - UFSM

AS MULHERES EM *AS FÚRIAS* E AS RELAÇÕES COM A TERRA

Claudinéia Feitosa – IC - UNEMAT

A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA EM *UMA ABELHA NA CHUVA* DE CARLOS DE OLIVEIRA

MESA 41: Sala 312-B

Coordenação: Carmem Lúcia Tindó - UFRJ

Vera Lúcia Martins Sarubbi – PG - UFF

O VENDEDOR DE PASSADOS: BUSCANDO SENTIDOS PARA A MEMÓRIA

Michelle da Silva Coutinho – IC - UFF

PORTUGAL PEQUENO: LIMITE DOS SENTIDOS DA MEMÓRIA E DO ESPAÇO NUMA METÁFORA DA PÁTRIA-MÃE

Donizeth Aparecido dos Santos – FATEB

REGISTROS LITERÁRIOS DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA

Keli Cristina Pacheco – PG - UFSC

O EXÍLIO COMO LIMITE INFINITO

MESA 42: Sala 401-B

Coordenação: Márcia Maia - UFRJ

Maria do Socorro Fernandes de Carvalho – UFPI

POESIA DE AGUDEZA NO SÉCULO XVII EM PORTUGAL

Luís Cláudio de Sant’Anna Maffei – PG - UFRJ

PARA SAIR DA GAVETA O BOCAGE OBSCENO

Edimara Luciana Sartori – PG - UFRJ

CESÁRIO, BAUDELAIRE, CAMÕES: SOBRE A PERCEPÇÃO DA MULHER NA EFEMERIDADE DO MUNDO

Marcella Bueno Aôr – IC - UFRJ

DO SENTIMENTO DO EXÍLIO – JORGE DE SENA EM GLOSA A GUIDO CAVALCANTI

MESA 43: Sala 403-B

Coordenação: Cristina Maria Paes dos Santos - SD

Mariana Montenegro Rego – PG - PUC-Rio
ENCENAÇÕES E TRANSGREÇÕES EM EÇA DE QUEIRÓS: UMA LEITURA DE *O PRIMO BASÍLIO* E *OS MAIAS*.

Talita da Rocha Pessoa Rezende Papoula – IC – UFRJ/CNPq
ALVES E CIA: UM RETRATO SOCIAL VIA EROS

Érica Carvalho Arruda – PG - UFRJ
O PRAZER PELOS SENTIDOS

Beatriz Garcia de Lima – IC - UFF
VESTINDO SEDAS EM PÚBLICO, DESPINDO ANÁGUAS EM SIGILO: SOCIABILIDADE DO TEATRO E CÓDIGO VESTIMENTAR COMO REPRESENTAÇÃO DA MULHER MODELAR E SUBMISSA N’O *PRIMO BASÍLIO*, DE EÇA DE QUEIRÓS

MESA 44: Sala 412-B

Coordenação: Cinda Gonda - UFRJ

Tatiana de Fátima Alves Moysés – USP - IC
A UNIDADE NAS NARRATIVAS EM *CORAÇÃO, CABEÇA E ESTÓMAGO*

Moizeis Sobreira de Sousa – IC - USP
CARNE COM VAREJA DEBAIXO DE FLORES: AS MULHERES DE *AMOR DE PERDIÇÃO* E *D’A MULHER FATAL*

Luciene Marie Pavanelo – IC - USP
O DIÁLOGO CRÍTICO DE CAMILO CASTELO BRANCO COM O ULTRA-ROMANTISMO

Juliana Yokoo Garcia – IC - USP
OS BRILHANTES DO BRASILEIRO: AMOR, DINHEIRO E CRÍTICA

MESA 45: Sala 212-C

Coordenação: Maria do Amparo Maleval - UERJ

Paulo Roberto Sodré – UFES
FENHEDOR, PRECADOR... PROFAÇADOR? O LIMITE DA CORTESIA EM *DOM DINIS*

Clarice Zamonaro Cortez – UEM
A ALEGRIA DIURNA E A SOLIDÃO NOTURNA DA DONZELA: UMA LEITURA DA DURAÇÃO DO TEMPO NAS CANTIGAS DE AMIGO

Benhur Costa de Christo – PG - UFSM
O MARAVILHOSO MEDIEVAL EM *A DAMA PÉ DE CABRA*

Stélio Furlan – UFSC
A NAU-NAÇÃO LUSITANA

13:00 – 14:30: Almoço

TARDE – Campus Gragoatá (Bloco C)

14:30 – 16:00: MESAS-REDONDAS

MESA R: *Dos Resgates* – Sala 207-C

Coordenação: Prof^a. Dr^a. Lélia Parreira Duarte - PUC/MG

Prof^a. Dr^a. Maria Helena Nery Garcez - USP
QUANDO TODOS OS GATOS SÃO PARDOS

Prof^a. Dr^a. Silvana Maria Pessoa de Oliveira - UFMG
ANTÓNIO LOBO ANTUNES – O DISCURSO E A FINITUDE

Prof. Dr. José Clécio Quesado - UFRJ
A MENSAGEM DE PESSOA, COMO RESGATE MÍTICO DO SENTIDO DE HISTÓRIA

MESA S: *Dos Tempos* – Sala 405-B

Coordenação: Prof^a. Dr^a. Maria Theresa Abelha - UFRJ/UJA

Prof^a. Dr^a. Deolinda Adão
AS MARGENS DO FEMININO: *NAS TUAS MÃOS*, DE INÊS PEDROSA, E A CONSTRUÇÃO
RETÓRICA DO FEMININO DURANTE O ESTADO NOVO

Prof^a. Dr^a. Ângela Dias - UFF
O ANO DE ZUMBI NO RIO DE JANEIRO: AGUALUSA, A TRADIÇÃO DA CULTURA MESTIÇA
E AS VOZES MARGINAIS

Prof. Dr. Benjamin Abdalla - USP
A AMAZÔNIA E AS MATIZAÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS DO TEMPO

MESA T: *Das Experiências* – Sala 218-C

Coordenação: Prof. Dr. Jorge Fernandes da Silveira - UFRJ

Prof^a. Dr^a. Maria Luíza Ritzel Remédios - PUC/RS
VERMELHO, DE MAFALDA IVO CRUZ, UM ROMANCE PÓS-MODERNO?

Prof^a. Dr^a. Maria do Amparo Maleval - UERJ
CAVALEIROS E SANTOS MEDIEVAIS REVISITADOS POR SARAMAGO

Prof. Dr. Ernesto Rodrigues - Universidade de Lisboa
A PERSONAGEM NO VERSO CAMILIANO

16:00 – 16:20: *Intervalo*

16:20 – 18:20: SESSÃO DE COMUNICAÇÕES D

MESA 46: Sala 218-C

Coordenação: Annie Fernandes - USP

Sônia Helena de Oliveira Raymundo Piteri – UNESP
“EQUAÇÃO”: O ENIGMÁTICO GRÁFICO DE HERBERTO HELDER

Wagner José Moreira – UNIV. DE ITAÚNA – PG - PUC-Minas
O PONTO LUMINOSO E A INUTILIDADE DA POESIA: OS INFOPOEMAS DE CASTRO

Aline Carriello – IC - UFF
LIMITE E SENTIDOS NA POESIA DE NUNO JÚDICE

Rosemary Gonçalo Afonso – PG - UFRJ
EM *POEMACTO* HERBERTO HELDER CONFESSA: “PENSO QUE É ENORME CANTAR”

MESA 47: Sala 207-C

Coordenação: Mário Bruno - UERJ

Gustavo Cerqueira-Guimarães – PG - UFMG
À PROCURA DO PRIMEIRO AL BERTO: UMA ANÁLISE DA REESCRITA EM *À PROCURA DO VENTO NUM JARDIM D’AGOSTO* (1977-1987)

Sandro Santos Ornellas – PG - UFBA
EXPLORANDO OS LIMITES DO CORPO: AL BERTO E A ESCRITA

Rosemary da Silva Granja – PG - USP
UMA EXISTÊNCIA DE PAPEL: ABORDAGEM DA ESCRITA INTIMISTA NA POESIA DE AL BERTO

Tatiana Pequeno da Silva – PG - UFRJ
AL BERTO: (ENTRE) O HORTO E O INCÊNDIO

MESA 48: Sala 212-C

Coordenação: Márcia Arruda Franco - USP

Marcelo Franz – PUC-PR
NOVAS CARTAS PORTUGUESAS E *CARTAS DE UM SEDUTOR*: COMPARAÇÕES

Sheila Cristina Colepicolo – PG - USP
A SOLIDÃO DA MULHER EM SÓROR MARIANA ALCOFORADO: *NOVAS CARTAS PORTUGUESAS* E “AS TRÊS MARIAS”

Regina Lúcia Gonçalves Pereira Silvestrini – PG - UEM
DO DESENGANO DO SONHO DA VIDA: SÓROR MARIANA E SÓROR VIOLANTE DO CÉU – UMA LEITURA DAS INTERTEXTUALIDADES

MESA 49: Sala 505-C

Coordenação: Aparecida de Fátima Bueno - USP

Janaína de Souza Silva – PG - PUC-Rio
O PERCURSO EDIPIANO NO EVANGELHO DE SARAMAGO

Andréia Régia Nogueira do Rego – PG - UNESP/SJRP
QUANDO A CULTURA DA VERDADE É QUESTIONADA PELA VERDADE DA CULTURA: *O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO*, DE JOSÉ SARAMAGO

Daniela Fortunato Brandão – IC - UFRJ
A PROFANAÇÃO DO SAGRADO PELO VIÉS ERÓTICO EM *O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO*, DE JOSÉ SARAMAGO

Josiele Kaminski Corso – PG - UFSC
O FENÔMENO DO DUPLO, NA CATEGORIA DE GÊMEO, EM *O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO*

MESA 50: Sala 212-B

Coordenação: Francisco Ferreira Lima - UEFS

Wagner Martins Madeira – UNIV. MACKENZIE
CAMÕES E SARAMAGO E O DISCURSO NA CONTRAMÃO: DE ARGONAUTAS E ASTRONAUTAS

Gerson Luiz Roani – URI
O CAMINHO DAS ESTÁTUAS: VIRTUALIDADES DE CAMÕES EM SARAMAGO

Francilene Matos – PG - UFF
A *VIA-CRUCIS* CAMONIANA SEGUNDO JOSÉ SARAMAGO

Tatiana Prevedello – PG - UFSM
REPRESENTAÇÃO E REALIDADE NO “ESPETÁCULO DO MUNDO” DE 1936: UMA ANÁLISE DA IDENTIDADE DE RICARDO REIS

MESA 51: Sala 214-B

Coordenação: Vima Lia Rossi de Martin - USP

Rogério Barbosa da Silva – CEFET – MG
POESIA OU A INTERVENÇÃO VIVA: PROJETOS E PERSPECTIVAS DA POESIA VISUAL PORTUGUESA

José Luis Giovanoni Fornos – FURG
ANTÓNIO LOBO ANTUNES: APRENDIZAGEM DA AGONIA E DO DESENCANTO

Rosana Cristina Zanelatto Santos – UFMS
OS TESTEMUNHOS DE UM ESPLENDOR NÁUFRAGO

André Luiz Alves Caldas Amora – PG - PUC-Rio
EXORTAÇÃO AOS CROCODILOS: UMA PONTE ENTRE O LEITOR E O NÃO-DITO

MESA 52: Sala 405-B

Coordenação: Rejane Vecchia da R. e Silva - UFBA

Maria Geralda de Miranda – Universidade Estácio de Sá – UNISUAM
PARTES DE ÁFRICA, OU NAVEGANDO NA CONTRA-CORRENTE

Marisa Corrêa Silva – UEM
A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM QUESTÃO: *VÍCIOS E VIRTUDES*, DE HELDER MACEDO

Elisabete Lopes da Silva Veronezi – PG - UFRJ
PAULA E A “INVENÇÃO” DA HISTÓRIA

Janaína da Silva Sá – PG - UFSM
VÍCIOS E VIRTUDES DE HELDER MACEDO: UM PASSEIO PELA TRADIÇÃO CLÁSSICA PORTUGUESA

MESA 53: Sala 303-B

Coordenação: Cláudia Amorim - UERJ

Ana Amélia Andrade Guerra – Univ. do Estado do Amazonas
A CASA E O COSMOS

Sueli Alves dos Santos – PG - UFF
UMA LEITURA DE RETORNO E POÉTICA EM *OS CUS DE JUDAS*, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Héllen de Souza Dutra – IC - UFRJ
A QUESTÃO DO LUGAR EM *LEVANTADO DO CHÃO*

Wandercy de Carvalho – PG - UFF
AS VIAGENS E AS RELAÇÕES PROBLEMÁTICAS DO INTRUSO EM *O BARÃO*, DE BRANQUINHO DA FONSECA

MESA 54: Sala 305-B

Coordenação: Jorge Valentim – UFRJ - UGF

Elizabeth Dias Martins – UFCE
EM TORNO DA AUTOGNOSE EM PESSOA, SÁ-CARNEIRO E ALMADA

Raquel dos Santos Madanêlo Souza – PG - USP
UMA POLÊMICA SAUDOSISTA E SEUS DESDOBRAMENTOS: SÉRGIO, PASCOAES E PESSOA

Maria Márcia Matos Pinto – PG - USP
SENTIDOS DA EXISTÊNCIA: DIÁLOGO ENTRE TORGA E CAEIRO

Lucilene Soares da Costa - UEMS
FRAGMENTOS DE UMA VIDA: NOTAS SOBRE OS DIÁRIOS DE MIGUEL TORGA

MESA 55: Sala 312-B

Coordenação: Profa. Dra. Dalva Calvão –UFF

Teresinha Gema Lins Brandão Chaves – PG - USP
O (RE)CONHECIMENTO DE PORTUGAL E A (RE)DESCOBERTA DO BRASIL: OS RELATOS DOS VIAJANTES PORTUGUESES E A OBRA DE GUIMARÃES ROSA NO (RE)NASCIMENTO DO “OUTRO”

Maria Virgínia Oliveira Maciel – PG - FATEA
A PERDA E A ORFANDADE EM “A TERCEIRA MARGEM DO RIO”, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA, E *MENSAGEM*, DE FERNANDO PESSOA

Everton Luís Farias Teixeira – IC – UFPA/CNPq
O HOMEM E A TERRA: O ELO POÉTICO ENTRE GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO

MESA 56: Sala 410-B

Coordenação: Maria Teresa Salgado - USP

Claudiany Pereira – PG - PUC-RS
A TRAVESSIA LITERÁRIA DE TIMOR LESTE: LUÍS CARDOSO E A RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA ÀS MARGENS DA LUSOFONIA

Cláudia Fabiana de Oliveira Cardoso – UNIABEU
O OLHAR DE FEITICEIROS POETAS

Cleuza Martins de Carvalho – FATEC – Guaratinguetá

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA EM “O GUARDADOR DE REBANHOS” E “SÃO MARCOS”

Daise de Souza Pimentel – CESV – Universidade Estácio de Sá
NO LIMITE DOS SENTIDOS: DA RECORRÊNCIA DA TÓPICA OLHOS VERDES NA
LITERATURA PORTUGUESA E BRASILEIRA

MESA 57: Sala 301-C

Coordenação: Inocência Mata - UL

Vanessa Ribeiro Teixeira – PG - UFRJ
FALA, MALIKA, FALA – O DISCURSO DA VIRADA OU A FALSA LIBERTAÇÃO?

Renato dos Santos Pinto – PG - UFF
RELAÇÕES DÉGRADÉS

Roberta Guimarães Franco – IC - UFF
A MAGIA TRANSFORMADORA DO SOM: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *O ASSOBIADOR*, DE
ONDJAKI

Liliane Batista Barros – UFPA
UM OLHAR SOBRE O ESPAÇO NO ROMANCE *NÓS, OS DO MAKULUSSO*

MESA 58: Sala 309-C

Coordenação: Profa. Dra. Luci Ruas – UFRJ

Pedro Araújo Ulrich – IC - UFSC
“SUBITAMENTE – QUE VISÃO DE ARTISTA!”: UM DIÁLOGO HIPERTEXTUAL ENTRE A
PINTURA DE GIUSEPPE ARCIMBOLDO E A POESIA DE CESÁRIO VERDE

Ivani Ferreira Dias Meneses Costa – PG - USP
ANTÓNIO NOBRE E A MEMÓRIA COMO RECONSTRUÇÃO POÉTICA

Rute Maria Chaves Pires – PG - USP
“O HOMEM DAS FONTES”: PÁGINA DECADENTISTA PORTUGUESA

Sônia Mara Ruiz Brown – PG - USP
UM ESTUDO SOBRE “O VEIGA” DE ANTÓNIO PATRÍCIO

MESA 59: Sala 316-C

Coordenação: Sérgio Paulo Adolfo - UEL

Salma Ferraz – UFSC
ASCENSO E DESCENSO N’A *RELÍQUIA* DE EÇA DE QUEIRÓS

Maíra Contrucci Jamel – IC - UFRJ
O REALISMO E O ELEMENTO FANTÁSTICO EM *A RELÍQUIA*, DE EÇA DE QUEIRÓS

Antônio Augusto Nery – PG - UFPR
EÇA E “A MORTE DE JESUS”

Fabiana Poter - IC
O MESSIANISMO EM QUESTÃO N’A *ILUSTRE CASA DE RAMIRES*, DE EÇA DE QUEIRÓS

MESA 60: Sala 409-C

Coordenação: Madalena Vaz Pinto – PUC-Rio

Geraldo da Aparecida Ferreira – PG - USP

CAMILO CASTELO BRANCO: O ROMANTISMO EM DIGESTÃO

Álvaro Maia Peres – Univ. de Ribeirão Preto

PEQUENAS LEITURAS CONTEMPORÂNEAS DAS GRANDES NARRATIVAS: O CRISTIANISMO COMO HUMANISMO EM *O ROMANCE DE UM HOMEM RICO*, DE CAMILO CASTELO BRANCO

Ana Luísa Patrício Campos de Oliveira – IC - USP

ONDE A FELICIDADE ESTÁ: AMOR E DINHEIRO NA FICÇÃO CAMILIANA

Vander da Conceição Madeira – PG - USP

OS BRASILEIROS: ECOS CAMILIANOS

MESA 61: Sala 411-C

Coordenação: Silvio Holanda - UFPA

Karin Elizabeth Rees de Azevedo – UNEMAT

O AMOR E SAUDADE FEMININOS NAS CANTIGAS DE AMIGO DE DOM DINIS

Maria do Rosário Alves Moreira da Conceição – PG - UERJ

ALMEIDA GARRETT: DIÁLOGOS DA FICÇÃO COM O JORNALISMO (1834-1854)

Cíntia Bravo de Souza Pinheiro – PG -

MASCULINIDADE E IDENTIDADE EM *A ILUSTRE CASA DE RAMIRES*

Cila Maria Jardim – PG – UNESP/Araraquara

A CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO NO CONTO QUEIROSIANO

20:30: JANTAR DE ADESÃO

4° DIA: 26 de Agosto (6° feira)

MANHÃ: Reitoria: Cine Arte UFF

9:00-10:30: – MESA REDONDA PLENÁRIA

MESA U: *No Limite dos Sentidos*

Coordenação: Prof^a. Dr^a. Ida Ferreira Alves - UFF

Prof^a. Dr^a. Laura Padilha - UFF

ATRAVESSAMENTO DE TEMPORALIDADES OU ALGUMA POESIA DE ANA PAULA TAVARES E RUI DUARTE DE CARVALHO

Profa. Dr^a Ofélia Paiva Monteiro - Universidade de Coimbra

GARRETT E A NARRATIVA ROMÂNTICA PORTUGUESA

Prof. Dr. Jorge Fernandes da Silveira - UFRJ

NO LIMITE DOS SENTIDOS DE FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO. A TRILOGIA DAS “BARCAS” – AULA ESCRITA

10:30 –11:00 – Intervalo

11:00 – 12: 30: CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

Coordenação: Prof^a . Dr^a . Monica Figueiredo - UFRJ

Conferencista: Prof. Dr. Eduardo do Prado Coelho - Universidade de Lisboa

O LIMITE DA ESCRITA

12:30 – ASSEMBLÉIA DA ABRAPLIP

**OS ÚLTIMOS AMORES DE PEDRO E INÊS:
O TRIUNFO DO AMOR PORTUGUÊS¹, DE MÁRIO CLÁUDIO**

**Manuel Ferro
Universidade de Coimbra**

Numa recente entrevista², dada quando lhe foi atribuído o Prémio Pessoa, Mário Cláudio fala da sua escrita e, entre outros temas, justifica o interesse que o mito lhe desperta: “Gosto de visitar os mitos, dão-nos a ideia de uma cultura dinâmica. A cada releitura o mito vai-se enriquecendo ao contrário dos factos”. E ao publicar *O Triunfo do Amor Português*, onde revisita, entre outros mitos, o de Pedro e Inês, não será descabido afirmarmos que o mito aí o interessa como modo de interrogação sobre quem somos, precisamente porque é através dos casos de amor revisitados que grande parte da identidade e da cultura do povo português se pode definir³.

Talvez até nem tivesse sido casual a publicação de uma obra como esta no momento presente. Num ano em que decorrem as celebrações dos 650 anos da morte de Inês de Castro, múltiplas e variadas têm sido as iniciativas que contituem o programa comemorativo. Confirmam essas manifestações a vitalidade que o mito inesiano ainda apresenta e revelam de modo transparente o impacto que esse caso de amor continua a projectar na cultura portuguesa. Como Viegas Abreu defende,

¹ Mário Cláudio, *Triunfo do Amor Português*, Lisboa, Dom Quixote, 2004.

² A entrevista, conduzida por Anabela Mota Ribeiro, intitulada Mário Cláudio: “O desafio seria inventar uma autobiografia”, encontra-se disponível *online*, no site: <http://www.selecco.es.pt/Revista/detalhe.asp?tipo=detalhe&ID=4134&area=16&pag=5>

³ Sobre o conceito de mito, vasta é já a bibliografia. No entanto, além do estudo fundamental de Walter Burkert, *Mito e Mitologia*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1986, refiram-se as obras de Ernest Cassirer, *Linguagem, Mito e Religião*, Porto, Edições RES, L.^a, 1976; de Mircea Eliade, *Aspectos do Mito*, Lisboa, Edições 70, 1986; Idem, *Mythes, Rêves et Mystères*, Paris, Éditions Gallimard, 1957; Northrop Frye, “The Archetypes of Literature”, in: *Fables of Identity. Studies in Poetics Mythology*, New York, Harcourt, Brace & World, inc., 1963, pp. 7-38; A. J. Greimas, “Éléments pour une théorie de l’interprétation du récit mythique”, in: *Communications*, 8, 1966, pp. 28-59; Furio Jesi, *O Mito*, Editorial Presença, ²1988; André Jolles, “O Mito”, in: *Formas Simples*, São Paulo, Editora Cultrix, 1976; Claude Lévi-Strauss, *Mito e Significado*, Lisboa, Edições 70, 1987; e, mais actual, a obra de José Maria Mardones, *O Retorno do Mito. A racionalidade mito-simbólica*, Coimbra, Almedina, 2005, onde se explora o recente interesse pelo mito através do qual, além de se relacionar com o seu valor simbólico, se articula com a cultura, a história, a realidade, o conhecimento, visto nos seus diferentes vectores.

[...] São vários os índices que nos mostram que a tragédia de D. Inês, tal como a tragédia do desaparecimento de D. Sebastião em Alcácer-Quibir, não está encerrada para os portugueses. Não nos conciliámos ainda com o que sucedeu. Por razões diferentes e específicas de cada uma das situações referidas, não aceitamos com facilidade o que se passou. Tendemos a negá-lo, a imaginá-lo de outro modo, a recriá-lo, a contá-lo de diferentes maneiras, e a aguardar, num futuro mais ou menos longínquo, a ocorrência de um acontecimento que ultrapasse definitivamente a tragédia.⁴

Deste modo, podemos mesmo afirmar que uma das maiores histórias de amor vividas em Portugal — a de Pedro e Inês —, exerce sobre os portugueses o mesmo fascínio e encanto que os enredos mitológicos tinham para os gregos da Antiguidade. Todos sabem, ou pelo menos julgam saber, como tudo se desenrolou, mas há sempre a curiosidade de acompanhar a reconstituição de um processo que até ao fim parece ainda reservar pormenores a desvendar ou aspectos que enriquecem a visão desse episódio já por demais tratado e reconfigurado. Será, sem dúvida alguma, esse o motivo por que os mais variados tipos de expressão têm sido utilizados sem cessar na reconstituição da tragédia inesiana, na busca contínua de uma resposta para as insistentes questões que continuamente se levantam, sempre que deste caso tratamos. Não admira, pois, que o mesmo estudioso se questione:

“Porque suscitou a tragédia de Inês de Castro uma tão persistente atenção, ao longo de séculos, da parte de cronistas, de poetas, de escultores, de músicos, e de pintores? Porque permanece na nossa memória colectiva que lhe tem atenuado os aspectos mais violentos e cruéis e exaltado os de maior agrado ou de mais fácil aceitação? Porquê esta “elaboração” psicológica e cultural de depuração da tragédia e da sua transmutação poética, lírica, religiosa e mítica?”⁵

⁴ Manuel Viegas Abreu, “Introdução”, p. 9, in: João Gouveia Monteiro, Aníbal Pinto de Castro, Pedro Dias, *O Reencontro de D. Pedro e D. Inês*. Introdução de Manuel Viegas Abreu, Coimbra, Associação para o Desenvolvimento do Turismo da Região Centro, 1999.

⁵ Idem, *ibidem*, p. 9.

Nestes tempos mais próximos, das artes do espectáculo — a ópera⁶, o teatro⁷, o bailado⁸, o cinema⁹, desfiles histórico-etnográficos¹⁰, a televisão¹¹ —, às artes gráficas¹² ou a iniciativas mais ou menos académicas, como os colóquios entretanto realizados¹³, ou

⁶ Recuando ao passado, procura-se a rampa para a projecção deste assunto num futuro que todos os dias se prepara. No ano transacto, foi apresentada a ópera de Giuseppe Persiani, intitulada *Inês de Castro*, nos Paços das Escolas, da Universidade de Coimbra, com uma belíssima encenação que aproveitou a arquitectura do espaço envolvente.

⁷ O Teatro Ibérico repôs, 16 anos depois, *A Castro*, de António Ferreira, numa encenação da responsabilidade de Blanco Gil, desenrolando-se num palco quase vazio e resolvendo desta vez desdobrar por quatro actores o papel dos dois protagonistas. Mantendo a pureza de linguagem inicial, revelam estas inovações tratar-se sempre de uma ousadia actualizar a encenação de um texto de invulgar beleza literária e rigorosa arquitectura dramática. Planeia ainda a mesma Companhia apresentar a curto prazo, de matéria inesiana, *Até ao Fim do Mundo*, de Laureano Carreira, e *Reinar Depois de Morrer*, de Velez de Guevara.

⁸ Seguindo uma estratégia semelhante à seguida no referido espectáculo do Teatro Ibérico, a da multiplicação das personagens, propôs a Companhia Nacional de Bailado uma leitura do drama amoroso da Castro (*Pedro e Inês*, de Olga Roriz), através de uma sucessão de sete quadros sem que, no entanto, se respeite uma sequência narrativa, a fim de se alcançar um clima onírico violento, onde os corpos reinventam, em movimentos dolorosos, as emoções que deles transbordam, mas em que a cenografia consegue alcançar momentos de notável beleza, como aqueles em que o bailado se desenrola dentro de água. Neste âmbito, também a Companhia de Dança Contemporânea apresentou em Julho passado, em Alcobaça, a coreografia *Pedro. Inês. Talvez.*, numa visão pessoal de Graham Smith.

⁹ *Inês de Portugal*, de José Carlos de Oliveira, 1997, e *Inês de Castro*, de Grandela, 2002.

¹⁰ Em contraponto com as representações antes citadas, numa manifestação muito mais popular, teve lugar o cortejo alegórico histórico-etnográfico, coordenado por Carlos Avilez e estruturado com base nos *Doze Sonetos por Várias Acções. Na Morte da Senhora Dona Inês de Castro, Mulher do Príncipe Dom Pedro de Portugal*, de D. Francisco Manuel de Melo.

¹¹ Ainda em matéria de representação, anuncia-se uma série televisiva para a RTP1, *Inês*, da responsabilidade de Moita Flores, já em gravação e a iniciar a sua apresentação no pequeno écran a 7 de Outubro do corrente ano, protagonizada por Ana Moreira, no papel de Inês de Castro, e Pedro Laginha, no de D. Pedro I.

¹² No campo das artes plásticas, duas são as iniciativas a assinalar: a exposição *Lágrimas*, distribuída pelos espaços do Mosteiro de Santa-Clara-a-Velha, Quinta das Lágrimas e Mosteiro de Alcobaça, onde se apresentaram as criações de artistas portugueses¹² e brasileiros (Courtney Smith, Karim Lambrecht, Nelson Leirner e Vítor Arruda), fruto de uma reflexão transversal perante o conjunto de temas do universo inesiano; e *O Nome que no Peito Escrito Tinhas*, ainda a decorrer, no Pavilhão Centro de Portugal, em Coimbra, consagrada à evocação das figuras de Pedro e Inês, equacionados em função das relações entre paixão e tragédia, desejo e morte, poder e política, por artistas de diferentes gerações (Adriana Molder, Ana Vidigal, Catarina Campino, Costa Pinheiro, Joana Vasconcelos, João Pedro Vale, José de Guimarães, Julião Sarmento, Paula Rego, Pedro Proença, Rui Sanches e Vasco Araújo), desenvolvendo, para o efeito, a diversidade de técnicas própria da arte contemporânea. Em paralelo, *Inês em Cena...* exhibe os trajes de cena e figurinos usados nas representações portuguesas de teatro, dança e ópera, pertencentes ao espólio do Museu Nacional do Teatro, ao longo do século XX.

¹³ A par de todos estes eventos, conta-se depois a realização de um Colóquio subordinado ao tema “Inês de Castro”, patrocinado pela Academia Portuguesa de História, em 15 de Janeiro passado; outro, realizado em Montemor-o-Velho, em 24 de Junho, sobre “Inês de Castro no Contexto Peninsular do seu Tempo”, que incluiu uma exposição bibliográfica, documental e iconográfica; e prevê-se ainda outro para Outubro, em Coimbra, na Casa Municipal da Cultura.

Resultante de uma exposição bibliográfica de temática inesiana, a Biblioteca Nacional de Lisboa lançou um *Catálogo Bibliográfico* (Maria Leonor Machado de Sousa (Org.), *Inês de Castro 1355-2005*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2005), e outras publicações surgiram, como a *Antologia Poética*, organizada por Maria Leonor Machado de Sousa (Lisboa, ACD-Editores, 2005) e, da mesma autora, em segunda edição

intervenções avulsas em congressos que nem previam a abordagem objectiva deste tema, abundantes têm sido os contributos que têm vindo revivificar o mito e certamente enriquecê-lo com novos sentidos e novas interpretações.

Numerosos e bem visíveis têm sido, também, os eventos das celebrações, como atesta a Programação Geral das Comemorações Inesianas¹⁴, organizada e coordenada pela Associação dos Amigos de Pedro e Inês e pela Fundação Inês de Castro, ao proporcionar um leque de iniciativas consideravelmente amplo e variado. Mas, a par delas, o certo é que todas estes eventos vêm pôr em relevo as obras, sobretudo as de índole literária que abordam o drama inesiano, e estimulam necessariamente o leitor a reler ou visitar aquelas que mais relevo tiveram ao longo dos séculos e representaram verdadeiras marcas para que este caso de amor passasse à lenda e, depois, se reconfigurasse em mito, como Aníbal Pinto de Castro magistralmente demonstra no seu ensaio intitulado “Inês de Castro: da Crónica à Lenda e da Lenda ao Mito”¹⁵; ou Maria de Fátima Marinho, em “As Máscaras de Inês”¹⁶ e Maria Leonor Machado de Sousa, na obra *Inês de Castro. Um Tema Português na Europa. É esse filão literário, plasmado nos mais diferentes géneros literários, que alimenta os estudos inesianos, que contam com nomes tão ilustres como Carolina Michaelis de Vasconcelos, António de Vasconcelos, Salvador Dias Arnaut, Eugénio Asensio, Suzanne Cornil, Adrien Roig, Aníbal Pinto de Castro, Maria de Fátima Marinho, Maria Leonor Machado de Sousa, João Gouveia Monteiro, ou António Resende de Oliveira, entre outros¹⁷.*

revista e actualizada, o extenso e profundo estudo intitulado *Inês de Castro. Um tema Português na Europa* (Lisboa, ACD-Editores, 2004).

¹⁴ José Miguel Júdice (Comissário-Geral), *Pedro e Inês. Concepção e Execução do Programa do Ano Inesiano*, Delegação Regional da Cultura do Centro, 2005.

¹⁵ Aníbal Pinto de Castro, “Inês de Castro: da Crónica à Lenda e da Lenda ao Mito”, in: João Gouveia Monteiro, Aníbal Pinto de Castro, Pedro Dias, *O Reencontro de D. Pedro e D. Inês*. Introdução de Manuel Viegas Abreu, loc. cit., pp. 33-39. Mais recentemente, revisita o mesmo tema em “O Tratamento do ‘caso’ de Inês de Castro na Historiografia Medieval Portuguesa”, comunicação apresentada no Colóquio “Inês de Castro no Contexto Peninsular do seu Tempo”, Montemor-o-Velho, 24 de Junho de 1005.

¹⁶ Maria de Fátima Marinho, “As Máscaras de Inês”, in: Maria Leonor Machado de Sousa (Org.), *Inês de Castro 1355-2005*, loc. cit., pp. 33-44.

¹⁷ Os títulos de todos os contributos destes autores e visando a apresentação de uma bibliografia inesiana mais desenvolvida, consulte-se Maria Leonor Machado de Sousa, *Inês de Castro. Um tema Português na Europa*, pp. 533- 549 e Adrien Roig, *Inesiana ou Bibliografia geral sobre Inês de Castro*, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1986. De João Gouveia Monteiro, veja-se “A Política dos Amores e os Amores da Política: D. Pedro e D. Inês de Castro”, in: João Gouveia Monteiro, Aníbal Pinto de Castro, Pedro Dias, *O Reencontro de D. Pedro e D. Inês*, loc. cit., pp. 13-31, ou “Portugal no Xadrez Político Peninsular no Século XIV”, in: Colóquio “Inês de Castro no Contexto Peninsular do seu Tempo”, Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, 24 de Junho de 2005. De António Resende de Oliveira, refira-se “As

Por outro lado, são as obras contemporâneas olhadas com dobrado interesse e não será ousadia afirmar que romances como as *Adivinhas de Pedro e Inês*¹⁸, de Agustina Bessa-Luís, na senda da reconstituição e problematização dos acontecimentos; *Inês de Portugal*¹⁹, de João Aguiar, onde a memória se torna a mola estruturante da narrativa e as personagens actuam como fantasmas de um enredo de que se tornam cativas; ou *A Rainha Morta e o Rei Saudade*²⁰, de António Cândido Franco, composto ao gosto da recente vaga do romance histórico, muito ganham em serem equacionadas em função da tradição literária em que se inserem. Sobre o romance de João Aguiar, pelo facto de ter inspirado o guião que esteve na base da versão cinematográfica com o mesmo título, realizada por José Carlos de Oliveira (1997), mais motivos ainda haveria a explorar (como demonstrou Micaela Ramon, na comunicação intitulada “O Cinema na Literatura ou a Literatura depois do Cinema (Uma Leitura de Inês de Portugal)”²¹, apresentada no IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, ou Maria Theresa Abelha Alves, em “Inês de Portugal — Mito, Tela, Texto: A Viagem de uma Narrativa”²²). Deste modo, é neste contexto, porventura efervescente em termos de matéria inesiana, que surge a versão do mito da autoria de Mário Cláudio, “Dom Pedro I e Inês de Castro”, inserida numa obra mais ampla, cujo título — *Triunfo do Amor Português*—, por certo fará reflectir o leitor pelas associações que permite estabelecer.

Por um lado, logo a ideia de uma vivência peculiar do amor em Portugal, por certo, leva o leitor a invocar a memória de Júlio Dantas, tendo em conta, pelo menos, o modo como este autor aborda a especificidade dessa vivência, apresentada n’ *A Ceia dos Cardeais*²³, e não esquecendo que alguns dos casos de amor aqui abordado foram objecto de tratamento de obras narrativas ou dramáticas suas, como constituem exemplos disso

vidas de D. Pedro e de D. Inês de Castro na Historiografia Medieval Portuguesa”, in: Colóquio “Inês de Castro no Contexto Peninsular do seu Tempo”, Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, 24 de Junho de 2005.

¹⁸ Agustina Bessa-Luís, *Adivinhas de Pedro e Inês*, Porto, Guimarães, 1997.

¹⁹ João Aguiar, *Inês de Portugal*, Porto, Asa, 1997.

²⁰ António Cândido Franco, *A Rainha Morta e o Rei Saudade*, Lisboa, Ésquilo, 2003.

²¹ Micaela Ramon, “O Cinema na Literatura ou a Literatura depois do Cinema (Uma Leitura de Inês de Portugal)”, IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, Évora, Universidade, 9-12 Maio de 2001.

²² Maria Theresa Abelha Alves, “Inês de Portugal — Mito, Tela, Texto: A Viagem de uma Narrativa”, in: *Semear. Revista da Cátedra Padre António Vieira de Estudos Portugueses*, Rio de Janeiro, 2003, nº7.

²³ Júlio Dantas, *A Ceia dos Cardeais*, Lisboa, Livraria Clássica, 1902

títulos como a *A Severa*²⁴ ou *Sóror Mariana*²⁵, ou de autores mais ou menos seus contemporâneos, como Marcelino Mesquita²⁶ ou Antero de Figueiredo²⁷. No entanto, também verificamos que, se essa abordagem da vivência do amor português era marcada por uma concepção altamente idealista, nalguns casos quase tocando as raias da ingenuidade, aqui, Mário Cláudio subverte esse tipo de abordagem e reformula as diferentes histórias de modo a serem apreciadas em função de um denominador comum a todas elas, dando unidade à obra na sua globalidade: tratando-se na generalidade de amores proibidos, todos eles se apresentam estigmatizados pela infracção, quer seja ela de natureza ética ou social. Por outro lado, o primeiro termo do título remeterá o leitor para outro aspecto, porventura nada irrelevante: a natureza do género em que se insere. Ao falar em *Triunfo*, certamente que não será apenas a vitória que o sentimento, o amor exerce sobre o comum dos mortais, conduzindo-o a actuar de modo que as suas experiências se tornem dignas de perdurarem na memória dos povos. O *Triunfo* implica também uma categoria genológica, consubstanciada sobremaneira em obras como *I Trionfi*²⁸, de Petrarca, que, por sua vez, aproveitam os modelos concretos dos desfiles, inicialmente realizados para celebração das vitórias militares; depois, os desfiles de entidades alegóricas, como o Amor, a Morte, a Castidade..., e que o poeta de Arezzo transpõe para a literatura, fazendo desfilar diante do leitor essas mesmas entidades, agora liricamente tratadas. Naturalmente que essa mesma técnica se projecta na estrutura de obras dramáticas da Idade Média tardia, do Renascimento e até do Barroco, muitas vezes perdendo esse carácter alegórico e trazendo à cena em personagens bem concretas²⁹. É através desta técnica que também Mário Cláudio faz desfilar diante dos olhos do leitor, figuras como Pedro e Inês, Leonor Teles e João Fernandes Andeiro, Roberto Machim e Ana de Arfet, Luís de Camões e a Infanta D. Maria, Mariana Alcofurado e o Cavaleiro de

²⁴ Júlio Dantas, *A Severa: peça em 4 actos*, Lisboa, M. Gomes, 1901, e também *A Severa: Romance original*, Lisboa, Francisco Pastor, 1901.

²⁵ Júlio Dantas, *Sóror Mariana*, Porto, Livraria Chardron, 1915.

²⁶ Marcelino Mesquita, *Leonor Telles: drama histórico em 5 actos*, Lisboa, Francisco Franco, [ca 1919]; *Pedro, o Cruel*, Marcelino Mesquita, Lisboa, J. Rodrigues, 1915.

²⁷ Antero de Figueiredo, *D. Pedro e D. Inês: O grande desvayro*, Lisboa, Livr. Ferreira Editora, 1913; *Leonor Teles: flor de altura*, Lisboa, Paris, Rio de Janeiro, Tip. A Editora Aillaud e Bertrand F. Alves, 1916.

²⁸ Francesco Petrarca, *I Trionfi*, Milano, Rizzoli, 1984.

²⁹ Para o efeito, basta recordar o exemplo do teatro de Gil Vicente, muito particularmente autos como as *Barcas*.

Chamilly, D. João V e Madre Paula, Tomás António Gonzaga e Marília de Dirceu, a Severa e o Marquês de Marialva, Camilo Castelo Branco e Ana Plácido, D. Pedro V e D. Estefânia ou António Nobre e Alberto de Oliveira.

Sendo também um traço comum a todas as histórias, que cada uma seja narrada de acordo com a perspectiva de um narrador intradieético, torna-se algo surpreendente que o episódio amoroso de Pedro e Inês seja, desta vez, apresentado por uma voz que, apesar de nele se ter visto envolvido, se bem que indirectamente, e estar próxima dos actantes, sempre se manteve distanciado nas versões conhecidas. Como tal, impõe-se, desde logo, que no primeiro parágrafo se apresente ao leitor: “[...] eu, Dom Fernando, Infante herdeiro do muito alto e poderosos Senhor Dom Pedro, pela graça de deus, Rei de Portugal e do Algarve”³⁰. Profundo conhecedor do enredo e das figuras nele envolvidas, esta apresentação permite ao leitor que, de imediato, compreenda a perspectiva com que a narrativa lhe passa a ser apresentada, na medida em que o narrador deixa de ser a entidade em quem mais possa confiar. Por este motivo, além da história do caso amoroso de Pedro e Inês, torna-se o discurso muito mais importante para descodificar aspectos menos evidentes, relacionados com a psicologia dessa personagem que vive os acontecimentos narrados e simultaneamente os reelabora e apresenta.

Desencadeada em *ultimas res*, a narrativa inicia-se na manhã em que se procede à exumação de Inês de Castro, sendo o Príncipe despertado pelo seu aio Nuno Viegas do Rego, que o acompanha ao Mosteiro de Santa Clara, permitindo-se, deste modo, o ensejo para que se proceda a uma vivíssima reconstituição do ambiente buliçoso da Coimbra daqueles dias. Mediante a recordação da imagem da mãe, D. Constança, desencadeia-se a acção propriamente dita e recua-se até à época em que as duas damas conviviam em ambiente de amena cordialidade, e revela-se como a paixão entre o príncipe e a dama galega se desencadeou e se começou a manifestar. É em momentos tais, que, a par dos vocábulos e expressões mais líricos usados para exprimir os sentimentos dominantes, se introduzem no discurso outros termos que denunciam a animalidade da relação adúltera, sobremaneira sublinhada pela perspectiva adoptada.

³⁰ Mário Cláudio, *Dom Pedro I e Dona Inês de Castro*, p. 42, in: *Triunfo do Amor Português*, loc. cit., pp. 39- 57.

Tratando do caso objectivamente como de uma “afeição ilegítima”, justificam-se os tormentos de D. Constança, tanto mais acentuados pela tentativa de inicialmente os ignorar e fingir que tudo não passava de mera fantasia sua, muito embora a beleza de Inês fosse um factor que não poderia ignorar. Pelo facto, recorrendo a uma linguagem poética que não desmerece da tradição literária sempre que este caso é tratado, Mário Cláudio recorre a imagens belíssimas, muito embora aplicadas de acordo com os sentimentos de mãe do narrador:

“Se uma calhandra extraviada, atingida pelas agulhas do frio, penetrava em sua quadra, e lhe caía sem vida junto à fimbria do vestido, interpretava semelhante ocorrência como signo de malefício, quedando-se gelada num pavor desrazoado das gentes e das coisas.”³¹

Naturalmente que tal imagem não passa despercebida ao leitor, levado a associá-la à morte do rouxinol, na *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro³², na medida em que desempenha funções paralelas quanto ao desenrolar da diegese. E voltando à realidade vivida, uma nova sequência se introduz, centrando-se agora na trasladação do ataúde contendo o cadáver de Inês de Castro para Alcobaça. Afasta-se o episódio das narrativas conhecidas, pelo realismo de situação aqui evidenciado, muito particularmente no que se refere ao comportamento do Rei, cujo pesar se manifesta em momentos de embriaguês, ao contrário do que normalmente seria de esperar:

“Pesado de muito vinho, chorava meu pai, lembrando a lindeza das tranças de Dona Inês, indo ao extremo de nos contar das partes vergonhosas da que fora amante de seu coração, o veludo da pele das nádegas e a seda do cabelo de entrepernas. Não nos defendíamos, é bom que se confesse, de ir assaltar pelo princípio da madrugada os casebres das moças que dormiam, e de as arrastar, rindo ou esperneando, para o

³¹ Idem, ibidem, pp. 45-46.

³² Cf. Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça*, Lisboa, Edições Duarte Reis, 2002, pp. 60-61.

escuro dos palheiros, onde nos estendíamos sobre elas, e as penetrávamos, descurando o espavorido cacarejo do galinhame.”³³

Longe do espírito esperado de um cortejo fúnebre, mesmo que fosse daquela que aparece caracterizada como “desgraçada” e “mesquinha”, ou “a galega de seus afectos”, a “maravilha da loura barregã”, a “amásia” do pai, a “pobre da galega”, o Infante D. Fernando apenas relata o estado absorto do pai aquando da chegada ao mosteiro de Alcobaça. É então que se retoma a narrativa da paixão de Pedro e Inês, seguindo a corrente de pensamento do Rei, muito embora na perspectiva do Príncipe-narrador, expondo-se outros aspectos que explicam o desenrolar da acção. Tendo em conta a beleza e o comportamento de Inês, ousa-se insinuar um motivo mais forte que justifica a sua morte:

“Murmuravam o criados que haviam surpreendido por uma tarde de grande calma El-Rei Dom Afonso e Inês, juntos na varanda do Paço de Santa Clara, em cujo remanso se albergava o monarca de quando em quando. Cingia-lhe ele o pescoço com os dedos das mãos, a configurar um anel, como se quisesse atraí-la a um beijo, ou estrangulá-la amorosamente. Assustara-se a dama perante tal gesto, e a pontos de ter derramado uma infusa que continha o abundante sumo dos limões maduros, com o qual o velho monarca tanto amava refrescar-se.”³⁴

Se, por um lado, se sugere uma paixão do velho monarca, por outro lado, é a reputação de Inês que mais uma vez aparece posta em causa. Por esse motivo, não admira que se sublinhe a falta de decoro dos jogos amorosos dos dois apaixonados, não fazendo tudo passar além das “delícias da carne”³⁵.

“[...] Diz-se que se deixavam resvalar para a relva molhada, e à vista de todos despudoradamente acasalavam.”³⁶

³³ Mário Cláudio, *Dom Pedro I e Dona Inês de Castro*, loc. cit., p. 48.

³⁴ Idem, *ibidem*, p. 49.

³⁵ Cf. idem, *ibidem*, p. 48.

³⁶ Idem, *ibidem*, p. 49.

Ou então, para maior escândalo, “passeavam os namorados, inteiramente nus, pelas câmaras do paço da Rainha Santa Isabel”³⁷, mostrando-se ostensivamente às janelas e causando o espanto dos doentes e mendigos recolhidos no hospício adjacente ao Mosteiro e ao Palácio, permitindo que se ouvissem as fortes risadas, entrecortadas pelo ladrar dos cães, até aos roncões “de prazer satisfeito do Rei apaixonado”³⁸. Constitui este o clímax amoroso da narrativa, seguido do anti-clímax, ou seja da cena da coroação do cadáver, em que à loucura de amor de Pedro corresponde a loucura da saudade evidenciada no comportamento do Rei, perante o macabro do episódio apresentado. Por outro lado, é aproveitado este momento para se exporem os terrores de uma criança, face à cena em que se vê obrigado a participar:

Com o que me sobrava dos terrores da infância estremecia eu na antevisão de uma cena horrorosa, mas afastando a multidão, empurrou-me Martim de Avelar, até ao ataúde, e era um punhado de ossos aquilo que eu descobria, e a ele se prendiam uns restos de fibra escurecida, e não lograria dizer fosse quem fosse se era pele, ou se era carne, ou se alguma outra substância, utilizada no fabrico dos seres que criou Deus à sua imagem e semelhança.”³⁹

Porventura, expõem-se deste modo as razões que vêm a fazer de D. Fernando um rei fustigado pelos seus traumas e se justifique a imagem camoniana que “Um fraco Rei faz fraca a forte gente”(Os Lusíadas, III, 138, 8), embora contrapondo-se à imagem inicial que Fernão Lopes tece do monarca na *Crónica* que lhe dedica⁴⁰. Por esse motivo, mais do

³⁷ Idem, ibidem, p. 49.

³⁸ Cf. idem, ibidem, p. 50.

³⁹ Idem, ibidem, p. 52.

⁴⁰ Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando*, Porto, Livraria Civilização, s. d., pp. 3-4: “[...] Mançebo vallemte, ledo, e namorado, amador de molheres, e achegador a ellas. Avia bem composto corpo e de razoada altura, fremoso em parecer e muito vistoso; tal que estando açerca de muitos homeens, posto que conhecido nom fosse, logo o julgariam por Rei dos outros. Foi gram criador de fidalgos, e muito companheiro nom elles; e era tam amavioso de todollos que com elle viviam, que nom chorava menos por huum seu escudeiro quamdo morria, como se fosse seu filho. De nenhum a que bem quisesse podia creer mal que lhe delle fosse dito, mas amava ele todas suas cousas muito de voontade. Era cavallgamte, e torneador, grande justador, e lamçador atavollado. Era mujto braçeiro, que nom achava homem que o mais fosse; cortava mujto com huuma espada, e remessava bem a cavallo. Amava justiça, e era prestador, e graado mujto liberal a todos, e grande agasalhador dos estrangeiros. Fez mujtas doaçoões de terras aos

que reconstituir o episódio dos amores de Pedro e Inês, Mário Cláudio desloca a atenção do leitor para a figura do narrador e adopta a estratégia usada nas biografias que anteriormente compusera⁴¹. Como refere na entrevista acima referida, afirma: “Faço uma psicobiografia, uma incursão pela personalidade da pessoa, pelas atmosferas a que esteve ligada, muito mais que pelos factos verificáveis. [...]Vejo a escrita como uma espécie de palimpsesto, um texto escrito sobre outro texto que já existe, mas que não é imediatamente visível.”⁴² Por isso, nas suas biografias, a uma versão factual e preexistente, junta-se à sua reinvenção, que vai ao encontro da primeira. O produto final é a sedimentação progressiva desses diferentes tipos de discurso.

E, na sequência dessa cena lúgubre, alinhados em contraponto, expõem-se os tormentos do rei D. Afonso, quer pelos sentimentos experimentados, quer pela consciência da crueldade das decisões tomadas, quer pelas pressões sentidas. Num crescendo, a cena do assassinato, entrecortada de momentos de grande densidade lírica, justapõe-se a outro episódio, também ele macabro, em que se narra a vingança de Pedro, através da grande encenação da morte dos assassinos. Concluída a diegese, encerra a narrativa com a transfiguração fantasmagórica da imagem de Inês morta nos pesadelos de D. Fernando, mesmo depois de adulto, confundindo-se com D. Mafalda e Leonor Teles, numa só figura repelente. Torna-se esse fantasma a chave fundamental para a compreensão da fraqueza de carácter que sempre acompanhará o monarca, assim como do desprezo pela coroa e pelo reino, evidenciados no final da vida. Converge esta imagem com a que Fernão Lopes acaba por traçar do monarca na *Crónica de D. Fernando*, acima referida, e que Rodrigues Lapa⁴³ resume de modo exemplar:

“Vejamos o retrato de D. Fernando. Ao começo, um moço alegre, mulherengo e desportivo. Vem depois a embriaguês amorosa, a desvirilização da vontade. Já não

fidalgos de seu reino, tantas e mujtas mais que nenhum Rei que antelle fosse. Amou muito seu poboo, e trabalhava de o bem reger; e todallas cousas que por seu serviço e defensom do reino mandava fazer, todas eram fundadas em boa razom e mujto justamente hordenadas. [...]Era aimda elRei Dom Fernando mujto caçador e monteiro, em guisa que nenhum tempo aazado pera ello leixava que o nom husasse.”

⁴¹ *Amadeo* (Lisboa, Imp. Nacional-Casa da Moeda, 1984), *Guilhermina* (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda,1986) e *Rosa* (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda,1988), sobre Amadeo de Souza-Cardoso, Guilhermina Suggia e Rosa Ramalho; e, mais recentemente, *Gêmeos* (Lisboa, Dom Quixote, 2004), inspirado na vida de Goya.

⁴² Entrevista supra citada na nota 2.

parece o mesmo. Impressionado pelo levantamento do seu povo, a quem escandalizavam os amores com Leonor Teles, promete ir ao Mosteiro de S. Domingos. Sabendo, porém, a vontade decidida da arraia miúda, foge de Lisboa com a amante, que, despeitada, manda castigar os cabecilhas.”⁴⁴

Desta maneira, recorrendo Mário Cláudio aos ingredientes tradicionais da lenda e do mito inesiano, reconfigura-o, mediante a adopção de uma perspectiva diferente e reinterpreta-o sob um novo ângulo, enriquecendo-o, ao mesmo tempo que restabelece a ligação da figura de D. Fernando, que sempre fora mantido mais ou menos distante do enredo, salvo quando quando era referido como o legítimo herdeiro que impedia os direitos dos filhos de Inês de Castro de ascenderem ao trono.

Como o próprio autor refere na entrevista já antes citada, o mito funciona assim como uma versão muito mais rica dos factos, porque muito mais humana, levando-o a acrescentar:

“A História é muito mais mito do que História. O mito está mais ligado às pessoas. [E sendo mito, permite uma revisitação contínua, é inesgotável.] A ficção é muito mais verdadeira do que a História, porque a ficção está próxima do mito, está sempre a formar-se. A História está junto ao facto, e o facto está sempre a deformar-se.”⁴⁵

Neste sentido, verificamos quão próxima se encontra esta posição da de Roberto Pazzi⁴⁶, quando declara que a narrativa histórica pós-moderna, mais do que reconstituir os factos, deve reconfigurá-los, de modo a explorar os seus sentidos ocultos, mesmo aqueles que nunca foram explorados, nem valorizados, considerando que a versão “oficial” dos factos é apenas uma de outras mais que poderiam ser consideradas e que a evolução dos acontecimentos poderia ter sido outra, se um mero pormenor, fruto do acaso, a tivesse orientado numa diferente direcção. No mesmo sentido, e já a propósito da obra de Mário Cláudio, se orienta o estudo de Ana Paula Arnaut, em *Post-Modernismo*

⁴³ Manuel Rodrigues Lapa, *Lições de Literatura Portuguesa Medieval*, Coimbra, Coimbra Editora, 1981.

⁴⁴ Idem, *ibidem*, p. 405.

⁴⁵ Entrevista supra citada na nota 2.

no *Romance Português Contemporâneo*⁴⁷, sobretudo na parte intitulada “A História contra-ataca”⁴⁸. Contudo, como António de Vasconcelos⁴⁹ defende, foi o mito inesiano configurado pela tradição literária e se alguma pode ser a versão “oficial” dos factos a que nos possamos remeter, essa terá, necessariamente de ser a das *Crónicas* de Fernão Lopes e Rui de Pina.

No entanto, o certo é que o mito inesiano continua a apaixonar artistas e escritores, assim como os leitores, enquanto fruidores das obras produzidas. E retomando as palavras de Aníbal Pinto de Castro, continuamos a verificar a sua actualidade quando afirma:

“Ao longo dos séculos, o facto passado em Coimbra ascendera à dimensão poética da lenda e à intemporalidade universal que a significação simbólica conferiu ao conjunto de mitos que, na História Cultural da Europa, deram a expressão aos direitos do amor, da sensibilidade e do espírito sobre as convenções das sociedades e os interesses da matéria. Com Tristão e Isolda, Flores e Brancaflor, Heloísa e Abelardo!

Com Inês e o seu mito, a cultura portuguesa, onde lirismo e drama tão estreitamente se deram sempre as mãos, vencia as fronteiras da geografia e da língua, para se integrar definitivamente no património espiritual da Humanidade. Assim se cumpria, numa dimensão bem mais perene que a da lendária entronização daquela Rainha Morta, o apaixonado preito de amor de D. Pedro — pela arte da palavra, esse reinado há-de por certo perdurar até ao fim do mundo.”⁵⁰

E ousa acrescentar que, com certeza, pela pena de Mário Cláudio, o mito há-de perdurar como componente integrante da identidade do povo e da cultura portuguesa. As potencialidades poéticas deste episódio de amor e tragédia continuarão a atrair as gerações vindouras e enquanto o homem se deixar seduzir pela magia dos factos e lendas,

⁴⁶ Roberto Pazzi, “Il romanzo e la storia”, in: *Pagine della Dante. Rassegna Trimestrale della Società Dante Alighieri*, Gennaio – Marzo 1993, Anno LXVII – Serie 3ª - nº1, pp. 7 – 11.

⁴⁷ Ana Paula Arnaut, *Post-Modernismo no Romance Português Contemporâneo*, Coimbra, Livraria Almedina, 2002.

⁴⁸ Idem *ibidem*, pp. 295-354.

⁴⁹ Cf. António de Vasconcelos, *Lenda e História de Inês de Castro*, Coimbra/Castelo Branco, Alma Azul, 2004 (1ª ed.: Porto, Marques Abreu, 1928), pp. 5-9 e ss.

verdades e efabulações moldadas pelo fluir do tempo e pela tradição de cada povo, Pedro e Inês constituirão uma marca de referência no imaginário ocidental, pelo seu valor histórico, estético e sentimental.

⁵⁰ Aníbal Pinto de Castro, “Da Crónica à Lenda e da Lenda ao Mito”, loc. cit., p. 39.